

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
UNIOESTE / *CAMPUS* DE TOLEDO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - MESTRADO

KAROLINE VITORINO DA SILVA DE PAULA

**A EXPERIÊNCIA CONTADA POR ELAS MESMAS: UM ESTUDO ACERCA DA
MIGRAÇÃO SOB O OLHAR E A NARRATIVA DA CRIANÇA**

TOLEDO - PR

2018

KAROLINE VITORINO DA SILVA DE PAULA

**A EXPERIÊNCIA CONTADA POR ELAS MESMAS: UM ESTUDO ACERCA DA
MIGRAÇÃO SOB O OLHAR E A NARRATIVA DA CRIANÇA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, *campus* de Toledo-PR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Mestrado. Linha de pesquisa: Cultura, Fronteiras e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Erneldo Schallenberger

Toledo

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Paula, Karoline Vitorino da Silva de
A experiência contada por elas mesmas: um estudo acerca da migração sob o olhar e a narrativa da criança. / Karoline Vitorino da Silva de Paula; orientador(a), Erneldo Schallenberger, 2018.
86 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

1. imigração. 2. crianças. 3. brasiguaios. I. Schallenberger, Erneldo. II. Título.

KAROLINE VITORINO DA SILVA DE PAULA

**A EXPERIÊNCIA CONTADA POR ELAS MESMAS: UM ESTUDO ACERCA DA
MIGRAÇÃO SOB O OLHAR E A NARRATIVA DA CRIANÇA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Mestrado, área de concentração em Fronteiras, Identidades e Políticas Públicas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Erneldo Schallenberger (UNIOESTE)

Centro de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Toledo

Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese (UNIOESTE)

Centro de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Toledo

Prof. Dr. Antônio Marcos Myskiw

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Toledo, 12 de Março de 2018

Dedico este trabalho ao meu Pai Celeste, que cuida de mim desde sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma de reconhecer que nada somos e que nenhuma vitória é conquistada sozinho. Para mim, não é difícil reconhecer aqueles a quem devo gratidão, difícil é encontrar palavras que possam expressá-la. Desta forma, arrisco aqui deixar simples palavras de carinho, comprometendo-me a sempre lembrar-me de vocês em minhas orações.

Agradeço ao meu esposo Samuel, por ser tão importante na minha vida. Sem o seu companheirismo, este trabalho não poderia ter sido realizado.

À minha filha amada Isabela, minha luz. “Por você, eu lutaria contra um exército inteiro”.

Aos meus pais, Lucas e Ivanise, por nunca me permitirem desistir e por sempre acreditarem na minha vitória.

Às minhas irmãs Gabriella e Bárbara, pelas cobranças para que eu terminasse logo este trabalho (rs).

Aos meus tios e tias, em especial à minha tia Socorro, que me acompanhou na ida para a realização da prova do Mestrado. Minha família que me completa e faz-me ser quem eu sou... amo vocês.

Aos meus amigos, Erika, Cidinha e Alberone, por me incentivarem nesta caminhada.

À professora Yonissa, sempre disposta a me ajudar e incentivar. Sempre serei grata por me ensinar a dar os primeiros voos enquanto pesquisadora.

Ao professor Erneldo, que me aceitou e acreditou nos meus sonhos e projetos. Seus ensinamentos despertaram em mim a vontade de aprender mais. Obrigada pelo seu cuidado, professor.

Agradeço à secretária Marilucy por sua presteza, cuidado e simpatia para que as coisas ocorressem da melhor forma possível.

A todos vocês, meu muito obrigada, que Deus os abençoe.

PAULA, Karoline Vitorino da Silva de. **A experiência contada por elas mesmas um estudo acerca da migração sob o olhar e a narrativa da criança.** 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais). – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo.

RESUMO

Este trabalho busca compreender a problemática da identidade cultural dos brasiguaios a partir dos discursos de crianças, não apenas no *lócus* da terra, mas do seu ambiente de moradia e sociabilidade. Neste sentido, faz uma reflexão sobre a conjuntura atual dos brasiguaios, cuja identidade heterogênea desenha uma paisagem cultural específica dentro dos moldes da migração, para então desvelar a questão da identidade. Portanto, parte de uma pesquisa bibliográfica de referência e em seguida, uma pesquisa de cunho qualitativo, cujas fontes serão as famílias e, especificamente, as crianças em seus ambientes escolares e familiares. Esta proposta justifica-se pela relevância da discussão em torno dos temas migração e identidade e também em virtude de seu valor heurístico ao “dar voz” a informantes silenciados em debates formais: as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Migração, Crianças, Identidade.

PAULA, Karoline Vitorino da Silva de. **A experiência contada por elas mesmas um estudo acerca da migração sob o olhar e a narrativa da criança.** 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais). – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo.

ABSTRACT

This essay has the objective to understand the question of the cultural identity of the Brazilian-Paraguayan people through the speech of children, not only in the locus of their land, but also in their living and social environments. In this way, there is a reflection about the present conjuncture of the Brazilian-Paraguayan people, whose heterogeneous identity draws a specific cultural landscape in the patterns of migration, so that the question of identity is unveiled. Therefore, this essay begins with a reference of a bibliographic research and it's followed by a qualitative one, whose sources are the families, and, specifically, the children in their educational and familiar environments. This purpose is justified by the relevance of the discussion surrounding the themes of migration and identity, and also, due to heuristic value that "gives voice" to the informants that are muted in formal debates: the children.

KEYWORDS: Migration, Children, Identity

LISTA DE QUADROS E TABELAS

TABELA 1P. 62

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Paraguai	23
FIGURA 2 – Desenho realizado por uma criança (C6)	63
FIGURA 3 – Desenho realizado por uma criança (C5)	64
FIGURA 4 – Desenho realizado por uma criança (C5)	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	P. 13
PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	P. 16
1. A experiência da migração enquanto fenômeno social	P. 17
1.1 O vai e vem da fronteira Brasil e Paraguai	P. 22
1.1.1 A migração ao Paraguai.....	P. 22
1.1.2 O retorno ao Paraguai: o surgimento de uma nova identidade	P. 26
2. Entre a categoria do termo e a identidade sobressalente	P. 28
2.1 Discussões acerca da identidade: reflexões sobre a formação da identidade através da subjetividade, da história e da memória	P. 28
2.2 O nascimento da identidade brasiguia: similitudes e contradições do significado do termo	P. 34
3. A conjunção entre a migração e a infância	P. 37
3.1 A infância como categoria a ser explorada: o que as crianças podem nos dizer	P. 38
PARTE II: REFERENCIAIS METODOLÓGICOS	P. 46
1. Escolhas metodológicas	P. 47
1.1 Justificativa do trabalho	P. 49
1.2 O grupo participante	P. 50
2. O processo de investigação	P. 51
2.1 Fontes	P. 51
2.1.1 A pesquisa bibliográfica e documental	P. 51
2.1.2 As entrevistas	P. 52
2.1.3 Desenhos	P. 53
2.2 A produção do conhecimento	P. 54
2.2.1 Os primeiros passos da pesquisa	P. 54
2.2.2 A observação e a escuta	P. 55
PARTE III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	P. 56
1. As circunstâncias de ser criança e migrante em Assis Chateaubriand	P. 57
1.1 O reconhecimento do local onde estão as crianças	P. 57
1.2 A experiência da migração pelas famílias	P. 57
1.2.1 A história da “ida” ao Paraguai” e da “volta” ao Brasil	P. 58
1.3 A experiência da migração rememorada pelas crianças	P. 62

1.3.1 O cenário que existia no Paraguai: lembranças de um lugar não tão distante	P. 63
1.3.2 A participação na decisão de migrar para o Brasil	P. 65
1.3.3 A relação com a família e a escola	P. 66
1.3.4 O sentimento identitário de pertença	P. 70
PARTE IV: HISTÓRIA DE VIDA	P. 72
1. Uma história de vida para contar a experiência da migração	P. 73
1.1 Ramones: a experiência migrante de uma infância perdida e reencontrada	P. 73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	P. 79
REFERÊNCIAS	P. 82

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta o fenômeno da migração dos brasiguaios tendo como referência central as crianças e adolescentes¹ que nasceram no Paraguai e que, junto às suas famílias “brasileiras”, vivenciaram a trajetória de retorno ao Brasil. Neste sentido, o trabalho investigativo se alimenta de uma revisão teórica e bibliográfica para contextualizar a dinâmica da migração dos chamados “brasiguaios” para então, por meio da *ethnohistória*, transcrever os discursos de crianças e adolescentes que residem no município de Assis Chateaubriand - PR e que empreenderam esta experiência juntamente com suas famílias.

Uma das provocações deste trabalho consiste em manifestar os discursos de crianças e adolescentes, pois pensar a infância equivale à *possibilidade* de olhar a criança como “um outro *inteiro*”, como objeto que produz relações. Neste sentido, as produções relativas à antropologia da infância apresentam o desafio de também efetivar a trajetória da própria criança como interlocutora e agente social plena.

Refletindo sobre a própria categoria da infância, muitos autores corroboram com a ideia de que esta tem sido modificada e redefinida pelo social. Podemos citar Clarice Cohn (2000) e seu trabalho sobre os Mebengokré-Xikrin e Rita de Cácia Oenning da Silva (2010), através de suas pesquisas no Recife, observou que alguns aspectos são cruciais para deixar de ser considerada criança, tais como sustentar-se e/ou ter um filho.

Neste sentido, alguns questionamentos são sugestivos: como as crianças se tornam adultos em determinados grupos? O que as torna adultas? Em que medida as crianças são autônomas e seu mundo não é o mundo do próprio adulto em miniatura? Em que momento se pensa a criança como pessoa? Para Pires (2010) as crianças recriam o mundo a partir do que lhes é apresentado, um mundo de adultos. São agentes da mudança e também da continuidade.

Philippe Ariès, em *História Social da Infância e da Família*, explora com precisão historiográfica, através da história do cotidiano das crianças, um panorama

¹ O Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança a pessoa até doze anos incompletos e adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos. Considerando esta legislação, algumas abordagens deste trabalho foram realizadas com adolescentes. Porém, compreendermos que a categoria criança não faz referência unicamente a um período de tempo cronológico, mas a uma fase de desenvolvimento físico, emocional, intelectual e ético. Neste sentido, mesmo quando lidamos com um grupo infanto-juvenil (alguns adolescentes), nos referimos a estes, neste trabalho, utilizando a categoria criança.

da inserção da criança na vida social desde a Idade Média até os tempos modernos. Inicialmente, em *As idades da vida*², fica patente que as idades não correspondiam apenas a etapas biológicas, “mas a funções sociais”. Desta forma, sobretudo dos séculos XVI ao século XVIII, as crianças eram reconhecidas pelas ações desempenhadas em cada etapa de vida.

Sendo assim, a primeira etapa de vida é assimilada como a idade dos brinquedos, seguida pela idade da escola, idade do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria, idade da guerra e da cavalaria, e, finalmente, a idade sedentária, do “velho” sábio.

Segundo Arriès, (1981: p; 17), “até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la”. Uma obra datada do século XI deixa transparente o fato de que não havia lugar para as crianças nas artes. Em uma cena, comumente utilizada na descrição do Evangelho de Jesus, onde Ele pede que se deixe vir a Ele as criancinhas, o artista retratou-as como adultos em miniaturas, verdadeiros homens pequenos, sem nenhum traço que conjeturasse a infância.

Não somente as artes, mas também os trajes das épocas comprovavam o quanto a infância era pouco particularizada na vida real. Persistiu também até o século XIX a ideia de que a criança não continha a personalidade de um homem. A morte de uma criança era vista como algo “natural”, sendo esta, após o batismo cristão, considerada com uma alma imortal. A criança tinha tão pouca significância que não havia qualquer temor de que após a sua morte voltaria a importunar os vivos.

Outro autor que merece destaque nesta ensejo é José de Souza Martins. Este, deixa claro que tão importante quanto a necessidade em tratar das fronteiras territoriais está a de compreender as fronteiras do humano. E é justamente neste sentido, que o referido autor permite uma reflexão que abre possibilidades de uma percepção diferenciada da fronteira, a partir dos olhos das crianças. Com suas observações peculiares, as crianças constituem-se interlocutoras válidas no campo científico e permitem a compreensão dos fatos, para além do que os códigos de linguagem tradicionais buscam evidenciar.

² Primeiro capítulo do livro supracitado de Ariès.

Desta forma, em um contributo aos estudos sociológicos e antropológicos da infância, esta dissertação apresenta, primeiramente, o enquadramento teórico de sua investigação. Neste sentido, discorreremos acerca da migração (e seus correlatos) e também da importância das narrativas das crianças no estudo em questão. Em seguida, apresentamos os referenciais metodológicos pelos quais foi possível realizar a investigação e a elucidação da problemática explorada.

A terceira parte dará ênfase às narrativas das famílias e das crianças acerca da experiência da migração. Neste sentido, quantificamos e apresentamos um perfil das crianças inquiridas e destacamos algumas dimensões de análise para a organização da reflexão sobre os dados coletados.

O universo da população inquirida deu-se pelo fato de tratar-se de um grupo que reside em um município próximo à fronteira Brasil e Paraguai³ e que apresenta uma população diversificada quanto às suas origens étnicas. A amostra da pesquisa considerou crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória (nos moldes da legislação brasileira), residente em bairros e comunidades distritais diversas no município.

A quarta parte deste trabalho focará a narrativa da história de vida de Ramones, uma criança que morava no Paraguai e que teve sua vinda ao Brasil permeada por conflitos e infelicidades.

Por fim, encerro com algumas considerações.

³ Assis Chateaubriand está a aproximadamente 139km de Salto Del Guaira e 212Km de Cidade do Leste.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1- A experiência da migração enquanto fenômeno social

O fenômeno da migração não é uma característica da contemporaneidade. A Antropologia Física tem contribuído nos estudos que associam às migrações a dados da pré-história na América do Sul⁴. Também remonta o período colonial às influências dos movimentos migratórios na formação étnica e identitária do Brasil⁵. Desta forma, podemos afirmar que as migrações fazem parte da complexa história do homem enquanto ser social.

Destarte, nos últimos anos, as análises acerca das migrações têm desenhado novas configurações no cenário das teorias sociais. As discussões sobre a problemática trazem como correlato a dimensão étnico-cultural da dinâmica dos grupos migrantes. Tais reflexões vão além do que os fatores estruturais podem demonstrar, pois inserem as representações sociais dos protagonistas deste movimento⁶. Ora de viés econômico (como motivo e causa dos deslocamentos), ora de forma a abordar às relações sociais, o fato é que as investigações abordadas confluem sobre um sujeito: o migrante.

Singer (1998) considera que “as migrações são causadas por dois tipos de fatores: expulsão e atração, o primeiro determina o local de origem dos fluxos

⁴ A interpretação sobre os primeiros humanos nas Américas têm sido largamente questionada. Anteriormente, acreditava-se que estes teriam vindo numa série de migrações da Sibéria para o Alasca através de uma língua de terra chamada Beríngia, que se formou com a queda do nível dos mares durante a última idade do gelo, entre 24 e 9 mil anos atrás. Porém, analisado a morfologia craniana de um fóssil de uma mulher com 11 mil anos, os arqueólogos encontraram traços que lembram os atuais aborígenes da Austrália e os negros da África. O biólogo Walter Alves Neves, do Instituto de Biociências da USP formulou a teoria de que o povoamento das Américas teria sido feito por duas correntes migratórias de caçadores e coletores, ambas vindas da Ásia, provavelmente pelo estreito de Bering, mas cada uma delas composta por grupos biológicos distintos. A primeira teria ocorrido 14 mil anos atrás e seus membros teriam aparência semelhante ao do fóssil encontrado. O segundo grupo teria sido o dos povos mongolóides. A chegada dos mongolóides na América é estimada em 11 mil anos, dos quais descendem atualmente todas as tribos indígenas das Américas.

⁵ O ano de 1500 foi marcado pela chegada dos colonizadores europeus. Com a necessidade do trabalho escravo para a extração do pau-brasil, africanos vieram. Posteriormente, japoneses, italianos e alemães. Toda a História do Brasil é marcada por migrações.

⁶ Sayad (1998) nota que a imigração deve ser analisada sob o ponto de vista de um fato social total, no sentido dado à expressão por Marcel Mauss, pois nela há elementos do homem por inteiro, considerando corpo, emoções, sentimentos, historicidade e pertencimento social.

migratórios, enquanto o segundo a direção e as áreas de destino”. (SINGER, 1998, p. 125). A migração, portanto, sob a perspectiva social, chama a atenção à questão da identidade do sujeito e os correlatos que envolvem a travessia de fronteiras.

A mobilidade da população, fato muito emergente nesta “*era da modernidade*”, tem desafiado as *fronteiras do humano*. Martins (2009) observa que não se pode entender a fronteira somente no seu aspecto material e econômico, como também não é possível percebê-la apenas como espaço geográfico, pois é também *fronteira do humano*.

Nas palavras de Martins:

A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano (MARTINS, 2009, p. 11).

Sociologicamente, o que define e caracteriza a fronteira é exatamente sua situação de conflito social. Pois na fronteira o homem não se encontra, se desencontra. O desencontro ocorrido nas fronteiras é o desencontro de perspectivas; diversidade de relações sociais marcadas por tempos históricos diversos e, ao mesmo tempo, contemporâneos, onde a alteridade é inventada e reinventada.

Neste sentido, as fronteiras não podem ser analisadas sob o aspecto de meras demarcações de espaços geográficos, o que significa ir além das fronteiras políticas e adentrar no terreno das fronteiras étnicas e culturais. Como assinala Armstrong, “os mecanismos das fronteiras étnicas existem na cabeça dos sujeitos antes que como linhas num mapa ou como regras de um manual” (*apud* POUTIGNAT; STREIFF-FENART 1998: 83).

A própria migração dilui fronteiras e produz outras, onde são gerados ambientes de hibridismo cultural e onde as identidades buscam sua reafirmação diante das expansões. Nesta perspectiva, há, como afirma Albuquerque (2009), na “fronteira em movimento” um lugar de hibridismo cultural. Tal hibridismo pode ser pensado de acordo com Canclini (2000: 19) como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e prática”.

Pierre Bourdieu (2010) também corrobora com a ideia de que a fronteira é um espaço simbólico, espaço da existência de conflitos, algo praticado pelo sujeito, praticado nas narrativas de autores, de personagens, sendo influenciada por fatores: políticos, econômicos, sociais, culturais e, principalmente, identitários.

Portanto, os fluxos migratórios tendem a transportar também diferentes culturas, as quais serão incorporadas por novos valores e costumes num movimento de contatos e conflitos entre o migrante e a comunidade que o recebe. Tal relação não é cíclica, pois há de se reconhecer e entender os laços de negociação entre o “eu” e o “outro”⁷.

Nas ciências sociais, o conflito produzido entre o nativo e o estrangeiro é identificado nos estudos sobre diversidade sob a expressão de *estabelecidos* e *outsiders*. Norbert Elias (2000) identificou numa mesma comunidade dois grupos de moradores que não se diferenciavam pelo tipo de ocupação, religião, educação, nacionalidade, entre outros, mas sim pelo fato do tempo de residência na comunidade. Os *estabelecidos* estigmatizavam os *outsiders* como os de fora, àqueles que não se inseriam no grupo.

Notadamente, esta reflexão auxilia na compreensão a respeito da forma como se dão as relações entre os diversos grupos envolvidos nos fluxos migratórios e indica a tensão existente entre fatores de inclusão e exclusão em que os grupos interagem. Importa, pois, observar a nuance a que os movimentos migratórios tenderam sobre as inúmeras variáveis analíticas sobre quem é o migrante e sobre outra categoria da migração, o retorno. Afinal quem é este sujeito que ultrapassa as *fronteiras do humano*⁸? O que é *ser migrante*?

É evidente que a palavra migração esteja carregada, no imaginário de muitos, de outros elementos pejorativos como *dominados*, *pobres*, além da atribuição do conceito de *forasteiros*⁹. Sayad (1998) tece considerações importantes referentes aos estrangeiros e aos migrantes. Segundo o autor, do ponto de vista jurídico, há uma legislação específica que concerne a direitos e deveres a estrangeiros, entretanto, do ponto de vista social, há uma relação indissociável entre o imigrante e o trabalho.

⁷O diálogo entre o “eu” e o “outro” é provocado pela Antropologia na tentativa de identificar a construção da noção de pessoa, uma vez que esta se apresenta como a ciência da alteridade.

⁸ Uma analogia à referência de Martins (2009) sobre o conceito de fronteira.

⁹ Os *estabelecidos* também tratavam os *outsiders* enquanto forasteiros. (ELIAS, 2000)

“Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, nesse caso, quase um pleonasmo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida [...]. Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”. (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Marandola Jr. e Gallo (2010, p. 409) ressaltam que “é na experiência da migração que buscamos compreender o que é ser migrante”. Neste escopo, refletir acerca da migração sugere ponderações sobre a dimensão da *experiência* da migração. Pois, é através da *experiência* que os homens definem e redefinem suas práticas e pensamentos.

Tratar, portanto, da *experiência* é um exercício analítico de compreender a migração a partir da vivência do sujeito. E, embora não seja possível medir a importância da *experiência* migratória, os significados de suas representações corroboram no sentido de dar visibilidade à *experiência* do sujeito e aquilo que ele próprio representa.

Ao invés de se perceber a experiência apenas por meio da dicotomia ser / consciência, é possível considerá-la, no interior da narrativa como conceito que estabelece um espaço de ação determinado por relações estruturais de produção, no qual a consciência encontra o meio (médium) para se constituir autonomamente e, por consequência, ser determinante no modo como tais relações são vivenciadas (NICOLAZZI 2004: 121).

Se a própria definição de *migração* tem gerado múltiplas interpretações, a *experiência* da migração compreenderá um universo ainda mais complexo. Pois há na *experiência* acontecimentos e representações que terão de dar conta de refletir a trajetória e o próprio *ser* migrante.

Por isso precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que tem experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz (SCOTT: 1998, p. 304).

Para Edward P. Thompson (*apud* Nicollazi: 2004), ao tratar da *experiência* de classe entre trabalhadores ingleses, afirma que a relação entre a história (enquanto fluxo temporal) e o indivíduo dá-se pela *experiência*. Ao tratar acerca da experiência de formação da classe, Thompson a compreende como um “espaço” de experiência em quem, na pressão exercida pelo passado sobre o presente, é criada a condição histórica da classe operária.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses ente si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente (THOMPSON, 1987, p. 10).

Esta abordagem que Thompson dá à “experiência de classe” nos permite refletir acerca de *experiências* fundadas em outros eixos, em outros domínios sociais. Entender a *experiência* é, portanto, compreender o diálogo existente entre o ser social e a consciência social. Através da *experiência* existe a possibilidade de compreender um objeto de estudo ainda em movimento e não passivo, esperando para ser aplacado por alguma teoria.

Experiência tanto pode confirmar o que já é conhecido (vemos o que aprendemos a ver), quanto perturbar o que parecia óbvio (quando sentidos diferentes estão em conflito nós reajustamos nossa visão para tomar consciência do conflito ou resolvê-lo – isto é, o que significa ‘aprender com a experiência’, muito embora nem todos aprendam a mesma lição, ou aprendam da mesma forma, ou ao mesmo tempo). Experiência é a história de um sujeito (SCOTT: 1998, p. 320).

Neste sentido, a dinâmica em que se encontram os migrantes, não é apenas relativa ao espaço territorial ou à economia, mas também social e simbólica. Desta forma, é possível pensar as fronteiras em movimento, onde representações, identificações e hibridismos culturais congregam a dimensão da migração para além de especulações políticas, dentro das reflexões sobre as práticas culturais e identitárias da *experiência* do sujeito migrante.

Entender a fronteira como lugar de negociação, contato e diálogo é percebê-la como um espaço construído a partir das diferenças. É reconhecer que existem contratempos e tempos diversos entre a organização dos sujeitos. Portanto, as alteridades devem ser lidas como ponto de partida sem que se estabeleçam

hierarquias. Pois, a fronteira é também algo fluído, não se prende ao limite. Defini-la como *caminho* dos migrantes, onde suas identidades fluem, também é perceber os veículos através dos quais a maneira de viver destes sujeitos se manifesta.

Refletir a *experiência* do migrante é, portanto, num primeiro plano, historicizar os processos sociais nos quais se constitui sua história e então desvelar o entrelaçamento entre esta história (de idas e vindas) e os fatos que confluíram para a própria constituição do *ser* migrante.

1.1 O vai e vem da fronteira Brasil e Paraguai

Reconhecer limites territoriais não é uma simples delimitação jurisdicional ou de uma fronteira geográfico-administrativa, pois se trata de um espaço dotado de símbolos. Nas palavras de Albuquerque:

As nações são formas culturais e políticas em movimento, tanto no sentido histórico, como espacial. Apesar de todos os controles dos denominados territórios nacionais, os imigrantes alteram os mapas simbólicos das nações e redefinem as representações nacionais (ALBUQUERQUE: 2009, p. 52).

Historicamente, os movimentos migratórios entre o Brasil e o Paraguai têm apresentado esta complexa dinâmica fronteiriça. Os espaços limítrofes simbólicos deslocam-se quase que na mesma proporção da frenética mobilidade humana. Nesta reflexão, torna-se importante destacar que a migração significativa de uma massa populacional de um país a outro é fortemente estimulada por diversos fatores, entre eles os de ordem social, econômica e política, como destaca Oliveira:

Dentre as várias causas da migração internacional, destacam-se os conflitos armados, a opressão política, a pobreza, a ausência de redes de segurança para as necessidades fundamentais, a degradação do ambiente, os desequilíbrios demográficos, os fatores climáticos, o processo acelerado de urbanização e a falta de participação nos processos políticos e muitos outros. Todos esses fatores constituem um conjunto de causas que dão origem a uma emigração de fuga dessas condições de vida (OLIVEIRA: 2006, p. 184).

Neste sentido, as pesquisas desenvolvidas que exploram a questão das migrações entre Brasil e Paraguai remetem, não raro, a uma questão central: quais eventos construíram o caminho à fronteira? De que forma o sujeito migrante interage neste trajeto?

1.1.1 A migração ao Paraguai

A primeira onda significativa de migração que partiu do Brasil sentido Paraguai deu-se a partir da década de 1950. As migrações de brasileiros ao Paraguai demonstravam as grandes transições em que se encontravam estes dois países. O presidente paraguaio Alfredo Stroessner (1954-1989) promoveu os primeiros movimentos significativos desta trajetória, uma vez que desenvolveu um plano e um programa de colonização da fronteira leste do território paraguaio por colonos brasileiros.

Stroessner criou um plano de crescimento econômico voltado a expandir as fronteiras agrícolas do país através de uma reforma agrária. Este programa ficou conhecido como “marcha para o leste”. A partir da década de 1960, os laços entre os dois países foram sendo estreitados. Em 1963, o Estado Paraguaio, através da Lei nº 854, estabeleceu o Estatuto Agrário que, com vistas a instaurar o “Bem-Estar-Rural”, disciplinou como seria o desenvolvimento do econômico e social do país no que tange à questão agrária, o que trouxe reflexos profundos sobre a organização socioespacial paraguaia.

As condições estabelecidas no Estatuto também beneficiaram os brasileiros, pois alterava a Lei de Terras (1940), dando permissão de venda de terras a estrangeiros que se dedicassem habitualmente a atividades agrícolas:

Artículo 14. - Se considera beneficiarios de este Estatuto:

- a) Los varones y mujeres que hayan cumplido diez y ocho años de edad, que sean paraguayos o **extranjeros, que se dediquen habitualmente a las labores agropecuarias o que se propongan formalmente dedicarse a ellas;**
- b) Las Cooperativas Rurales;
- c) Los agrónomos y veterinarios titulados; y
- d) Los comprendidos en el capítulo V de la presente Ley (PARAGUAY, Ley nº 854/63 – *grifos nossos*).

Através da nova legislação do Paraguai, derivada do *Instituto do Bienestar Rural (IBR)* e das propagandas atrativas de terras férteis a preços baixos, muitas famílias brasileiras empreenderam a jornada da migração e o leste paraguaio foi se configurando como um território transfronteiriço brasileiro. Além do acesso à propriedade de terra, muitos imigrantes saíram do Brasil, onde já possuíam propriedades, para tornarem-se grandes agricultores no Paraguai e “fazerem fortuna”.



Figura 1: Mapa do Paraguai

Para além destas oportunidades, o Estado brasileiro percebeu nesta manobra, meios importantes para estreitar a cooperação com o país vizinho e também uma maneira de ocupar as fronteiras, fato já apontado décadas atrás como “preocupante” para a segurança nacional. Segundo Freitag (2001: 62), na década de 1930, “missões de estudo foram enviadas ao extremo-oeste paranaense com o objetivo de levantar a situação social, econômica e etnocultural”, em vista do perigo da presença estrangeira nessa fronteira¹⁰.

Esta migração, portanto, seria uma medida positiva para os dois países. De acordo com Sprandel:

Em 1952, o general Golbery do Couto e Silva, do Exército Brasileiro, defende uma manobra geopolítica para a integração do território nacional, que consistia em ligar o nordeste e o sul ao núcleo central do país. Paraguai e Bolívia são apresentados como prisioneiros geopolíticos da Argentina, e aquelas regiões de fronteira são caracterizadas como indisfarçáveis zonas de fricção externas onde podem vir a contender, quer queiram quer não, os interesses brasileiros e argentinos (SPRANDEL: 1992, p. 122).

Para Albuquerque (2010), o movimento migratório para o Paraguai pode ser analisado como uma continuidade da frente de expansão capitalista no Paraná e Mato Grosso do Sul. Nas palavras de Albuquerque:

As fronteiras agrícolas, como processos de expansão internos, ultrapassaram as fronteiras nacionais principalmente a partir da década de 1950. No início desse processo, setores mais marginalizados da frente de

¹⁰ Em Ponta-Porã (MS) ainda há “conturbação nas relações sociais” por conta dos limites e fronteiras geográficas entre Brasil e Paraguai. Os limites entre Brasil-Paraguai são permeados por uma mesma rua, onde de um lado é território paraguaio e de outro território brasileiro.

expansão interna “saltaram o rio Paraná”, bem como alguns grandes produtores agrícolas do Sul do Brasil, e começaram a colonizar as terras paraguaias (ALBUQUERQUE: 2010, p. 65).

Ainda, segundo a referência acima citada, “Os desdobramentos da ‘Marcha ao Oeste’ no Brasil se encontram com a ‘Marcha ao Leste’ no Paraguai a partir da década de 1960” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 65). A população brasileira já havia sido incentivada, no governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945), a migrar para territórios do Centro-Oeste do Brasil, onde havia terras desocupadas, através do plano que ficou conhecido como “Marcha ao Oeste”.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, nos anos 1970, também acelerou a migração de brasileiros ao território paraguaio. Os deslocamentos de trabalhadores para a construção da hidrelétrica e a indenização de várias famílias que moravam na região contribuíram para o aumento do fluxo migratório. De acordo com dados da própria Itaipu:

(...) entre 1978 e 1981, até 5 mil pessoas eram contratadas por mês. Ao longo da obra, em função do extenso período de construção e da rotatividade da mão-de-obra, somente o consórcio Unicon (*Consórcio de Construtoras Ltda.*) cadastrou cerca de 100 mil trabalhadores. No pico da construção da barragem, Itaipu mobilizou diretamente cerca de 40 mil trabalhadores no canteiro de obras e nos escritórios de apoio no Brasil e no Paraguai (Usina Hidrelétrica de Itaipu).

Estima-se, de acordo com o programa de desapropriação expedido pela Binacional Itaipu, que 40.000 pessoas tiveram que deslocar-se. Desta situação muitas famílias viram a oportunidade para comprar, com o dinheiro das indenizações, lotes em território paraguaio, onde as terras valiam em torno de oito vezes menos que no Brasil. A maioria dos imigrantes instalou-se nos departamentos fronteiriços como do Alto Paraná, Caaguazu e Amambay (ver mapa acima).

De acordo com o estudo “*Populações e políticas sociais no Brasil*”, em 1960 havia cerca de 34 mil brasileiros em terras paraguaias, volume que se elevou para 98,8 mil, em 1980, chegando a 107 mil, em 1990” (BRASIL: 2008, p. 248). Entretanto, a situação destes migrantes nunca foi totalmente pacífica. Já na década de 1970, começaram a aparecer, ainda que de forma tímida, várias denúncias alarmantes sobre a situação dos brasileiros no Paraguai. “O Paraguai que fora pensado como solução transforma-se em pesadelo” (SPRANDEL *apud* COSTA 2009: 70).

1.1.2 O retorno ao Brasil: o surgimento de uma nova identidade

Deste *desenfreado* aglomerado de pessoas que migraram ao Paraguai, nem todas conseguiram fixar-se, ou alcançar as expectativas almejadas. Diante das tensões no campo paraguaio, milhares de imigrantes inverteram este processo ao buscarem o caminho de volta ao Brasil, reivindicando o direito de acesso a terras brasileiras. Chegou-se à fase final do processo de migração, o retorno.

Alguns autores se prontificaram a esclarecer com mais afinco os motivos de tal processo. Sprandel (1992) afirma que é possível observar duas situações que solidificam esse retorno ao Brasil. A primeira, refere-se à expulsão, quando a agricultura mecanizada e as fazendas para a criação de gado se expandem e, conseqüentemente, observa-se o fim das terras disponíveis para desflorestamento. A segunda situação diz respeito à fuga.

São situações de trabalhadores brasileiros que estavam empregados em regime de imobilização da mão-de-obra, de arrendatários que não poderiam sair antes de formar as lavouras ou pastagens dos proprietários das terras, e ainda de pessoas que se sentiam ameaçadas pelos oficiais paraguaios. Muitos fogem a pé, com as famílias, deixando tudo para trás, chegando aos acampamentos do Estado do Mato Grosso do Sul em estado de miséria e sem saúde (SPRANDEL, 1992, p. 113).

De acordo com a mesma autora, o fator primordial para o retorno ao Brasil em 1985, foi a divulgação da notícia de que o governo brasileiro daria início ao processo de Reforma Agrária (SPRANDEL, 1996). Para FERRARI (2009: 137), “A verdade é que a ditadura brasileira exportou os brasileiros para a ditadura paraguaia e a democracia paraguaia está mandando de volta os brasiguaios para a democracia brasileira”.

Retornar à origem, neste sentido, não foi uma trajetória tranquila. Para Gonçalves (2010: 8): “O retorno é a parte da constituição da migração; é sempre uma perspectiva de voltar ao horizonte”. O retorno dos migrantes brasileiros indica um passo atrás ao destino da fortuna e o regressar, por si só, implica o desafio da reterritorialização.

O fato é que toda esta *experiência* da migração, especialmente pela fase de retorno, fez surgir um tipo de sujeito migrante. O brasileiro migrante que foi para o Paraguai, agora é um novo sujeito, construído pelas circunstâncias e desafios pelos

quais perpassou e, em busca do desafio de reterritorializa-se sob a nova identidade que agora passa a ter. Neste escopo, vale lembrar as palavras de Heráclito de Éfeso, há mais de 400 a.C., destacadas por autores como Montenegro (2007), o qual afirma que não é possível alguém entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou.

Podemos refletir, portanto, que os migrantes do “retorno ao Brasil” enfrentaram a necessária reconstrução de seu espaço territorial. “Pensando o território como um conjunto de lugares hierarquizados conectados a uma rede de itinerários (BONNEMAISON, 2002) pode-se pensar o lugar como o principal ponto de apoio/suporte da identidade” (MARANDOLA JR: 2010, p. 413) e, portanto, a reconstrução de sua própria identidade.

O retorno destes sujeitos migrantes:

(...) supõe um processo histórico que, atravessando as gerações, vai alimentando um projeto político nacional, e até nacionalista. Junto à experiência histórica do afastamento, constrói-se uma identidade coletiva, cristalizada no retorno. Essa visão do retorno, muitas vezes, conecta-se com ao processo diaspórico, como no caso de retorno a Israel (Aliya) para a população judia (Berthomière, 1996), ou no caso de grupos nacionais da Europa do Leste (Michalon, 2006) (FUSCO: 2010, item 5).

Marandola Jr. e Gallo (2010, p. 419) trazem à luz da discussão a alusão de Zygmunt Bauman sobre a auto-identidade e a vida migrante:

“Bauman fala de tremores existenciais que atingem os mecanismos de auto-identidade e que fluidificam as certezas. A incerteza, uma marca de qualquer vida migrante, é a marca de nossa época, e por isso ser migrante é experiência de nosso tempo”.

Portanto, a proposta de tornar visível a *experiência* de ser deste migrante, ao qual chamaremos de *brasiguaio*¹¹, um interstício de um tipo¹² de migrante, é importante tendo em vista seu escopo em contribuir para as discussões sobre a problemática do próprio sujeito migrante e desnudar as entrelinhas, através de suas vozes, do que é ser migrante e, além disto, do que é ser brasiguaio em terra de brasileiros.

¹¹ Ao longo do texto, tornar-se-á evidenciada a escolha deste substantivo.

¹² Digo “tipo” porque o brasiguaio é um migrante com características peculiares, como poderá ser observado ao longo do texto.

2. Entre a categoria do termo e a identidade sobressalente

A categoria *brasiguai* ainda está permeada do desafio de sua própria conceituação. Na tentativa de desvendar quem é este sujeito migrante, muitas contradições e similitudes se entrelaçaram. Algumas delas merecem destaque, pois permitem a reflexão de como se dá o uso e a categorização deste grupo de indivíduos migrantes que originaram o termo *brasiguai* e que partilham esta *identidade*.

O *brasiguai* possui um papel fundamental no reordenamento territorial na fronteira entre Brasil e Paraguai. Neste sentido, a compreensão do processo de emergência dos brasiguaios enquanto categoria de efeito – ou seja, enquanto categoria de sujeitos concretos que ora afirmam ora negam sua identidade – só pode ser compreendida no quadro mais amplo de um sistema que integra outras identidades – “brasileiro”, “paraguaio”.

2.1 Discussões acerca da identidade: reflexões sobre a formação da identidade através da subjetividade, da história e da memória.

Diante dos múltiplos debates acerca da identidade, principalmente submetidos em análises de teoria social, têm sido frequentes as reflexões que abordam tal questão a partir de uma perspectiva de que há na contemporaneidade uma chamada “crise de identidade”, onde permeia neste cenário a fragmentação ou descentralização das identidades.

Deste modo, compreende-se que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado. Segundo Santos (1994), a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Desta forma, as identidades culturais não são rígidas, nem, muito menos, imutáveis. São resultados de processos de identificação.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (1994), pode-se afirmar que o primeiro nome da identidade na modernidade é *subjetividade*. A subjetividade permite um diferencial sobre o que é exposto, pois é o olhar do sujeito, a partir de suas pré-noções, do pré-conhecimento, que compõe a subjetividade do mesmo.

Desta forma, o sujeito, ator social, interage com a realidade e a modifica a partir dos conhecimentos já elaborados.

Uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados à pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais (HALL: 1999). Neste sentido, afirmar uma identidade é parte de uma cadeia de negações, pois a afirmação confirma a negação de outras identidades. Gimenez (1996) observa que a identidade se recompõe, se redefine e readapta, mas conserva a essência da matriz cultural identitária anterior, que serve de suporte.

Para Friedrich Barth (1998), na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizarem a si mesmos (autoatribuição) com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos, neste sentido organizacional.

Norbert Elias mostra as atribuições que o grupo estabelecido atribuía a seus membros e aos outsiders e o sentido social tenso entre inclusão e exclusão a que os grupos sociais viviam. A rede de interação dos grupos pode ser entendida como uma consequência das inúmeras possibilidades de interação social vivida pelo indivíduo ou grupo.

“[...] Já naquela época, é evidente que os ‘aldeões’ formavam, em muito maior grau, um grupo relativamente fechado. Tinham desenvolvido tradições e padrões próprios. Quem não cumpria essas normas era excluído como sendo de qualidade inferior. Acima de tudo, desenvolveram como arma uma ‘ideologia’ [...], que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior. [...] Sua ideologia de *status* disseminou-se e foi mantida por um fluxo constante de fofocas, [...] que se agarrava a qualquer acontecimento entre as pessoas da outra zona, capaz de reforçar a imagem negativa do loteamento”. (p. 65).

De acordo com Giddens (2002, p. 21), não vivemos no mundo da pós-modernidade e sim das consequências da modernidade, que padroniza e cria o contexto da globalização. Desta forma, ele entende modernidade “equivalente ao ‘mundo industrializado’ desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Por sua vez, a globalização “pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS: 1991, p. 60).

Dubar (2006), ao analisar a questão da identidade, aborda os processos de construção identitária e suas transformações na contemporaneidade. Suas observações demonstram que a nacionalidade do indivíduo não se resume aos

direitos, mas em exprimir escolhas motivadas por crenças e valores. São estas que definem a identidade simbólica.

Canclini (1998) anota que existem movimentos fundamentais para a construção das identidades nacionais e nesta abordagem a ocupação de territórios é destacada com ressalvas, uma vez que a partir do território há uma identificação dos sujeitos num sentido de compartilhar um património comum. Portanto, reconhecer territórios não é uma simples delimitação jurisdicional e nem uma fronteira geográfico-administrativa, trata-se de um espaço dotado de símbolos. Esta valorização implica meios de transformá-lo de forma a enriquecer ainda mais o território. Na modernidade, ele é cada vez mais um produto do que uma fabricação já existente.

De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, a identidade étnica é como “uma afirmação de nós [que] provém de oposição [e] é afirmada ao negar o outro...”. Deste modo, a identidade étnica é sempre relacionada ao contexto em que está inserida: "Não pode ser definida em termos absolutos e sim em relação a um *sistema* de identidades étnicas" (OLIVEIRA, 1976, p. 8-9).

As abordagens dos autores supracitados nos permitem reconhecer que a “identidade” possui peculiaridades que se encontram em um sistema complexo de relações sociais que deve considerar não apenas as relações interétnicas, como também a socialização na qual o indivíduo está em constante interação na construção de sua identidade.

Outro aspecto a ser considerado sobre esta questão da identidade está relacionado ao carácter da mudança na modernidade tardia, em particular, ao processo de mudança conhecido como "globalização" e seu impacto sobre a identidade cultural. Stuart Hall (1999), em *A identidade cultural na pós-modernidade* afirma que a globalização tem contribuído para o surgimento de novas identidades e está fragmentando o indivíduo moderno. A identidade torna-se uma celebração móvel e o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos.

Barth (1998) corrobora com a ideia de que a identidade étnica não é estática, ela se transforma a partir das relações, e como qualquer outra identidade coletiva ou individual, dependendo do interesse ou do contexto. A interação entre os sujeitos e grupos permite transformações contínuas que modelam a identidade, em um processo de exclusão ou inclusão, determinando quem está inserido no grupo e

quem não está. Os sujeitos compartilham diversas características, mas, principalmente, organizam-se a fim de definir o “eu” e o “outro” e se manifestam de maneira a categorizar e interagir com os outros. Desta forma, apenas os fatores socialmente relevantes tornam-se próprios para diagnosticar a sua pertença e não as diferenças objetivas manifestadas que são geradas por outros fatos.

Para Oliveira (1976), o conceito de identidade étnica está centrado no fato de que é através das interações espaciais que uma pessoa ou grupo se identifica e passa a ver o “outro” de forma etnocêntrica. Entretanto, não se trata apenas de adicionar a noção de identidade à de etnia. Nos referenciais do autor supracitado, a identidade étnica une, agrega os diferentes ecossistemas e a variação cultural interna à etnia. Trata-se de um ajuntamento que revela uma dinâmica de relações e o fortalecimento de elos étnicos e de identidade, “de forma a assegurar mecanismos autodefensivos em situações de conflito interétnico latente ou manifesto” (OLIVEIRA, 1976, p. 38).

A etnicidade, portanto, está relacionada com a organização dos grupos étnicos, considerando que as fronteiras físicas são mantidas, apesar da movimentação e intercâmbio entre eles, além do que delimitam a posição do grupo ou indivíduos nas diversas relações. Portanto, as identidades dos grupos se modificam, conforme Barth, de acordo com os fatores internos e externos do contexto histórico que estão envolvidos, auxiliados, por exemplo: pelo comércio, pelas migrações, pelos conflitos e questões relacionadas com a ecologia e demografia.

Desta forma, embora a cultura em que o grupo étnico se insere seja fundamental para sua análise, não será o termo definitivo para as demarcações dos parâmetros étnicos. A etnicidade não é vazia de conteúdos culturais; pelo contrário, os grupos apoiam-se neles; entretanto, os atores étnicos vão servir-se de processos seletivos de traços culturais dos quais os membros se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico. A etnicidade é uma forma de organização social mais que uma nebulosa expressão de uma cultura anônima e generalizada.

Desta forma, pode-se afirmar que as identidades étnicas e nacionais, bem como as fronteiras simbólicas, são reelaboradas em função das relações de força; são essencialmente móveis no tempo e no espaço, o que torna ainda mais

complexas as questões referentes aos conflitos decorrentes dos processos de identificação e demarcação. Neste sentido, são também relações de poder, como afirma Sayad:

Não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, (...) bem como de seus mecanismos de inserção social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos e, enfim, largamente performativos (SAYAD, 2000, 14).

As mudanças oriundas dos fluxos migratórios tendem a transportar diferentes culturas, as quais serão incorporadas por novos valores e costumes num movimento de contatos e conflitos entre o migrante e a comunidade que o recebe. Para Gimenez (1996), as formas objetivas da cultura são destacadas através dos hábitos e bens culturais. A respeito do território, o autor supracitado o remete a três dimensões: território como um espaço da cultura; território como marca / área de instituições e práticas culturais; e território como objeto de representação. Esta última dimensão demonstra o caráter de referência essencial nos processos identitários, uma vez que os sujeitos (individuais ou coletivos) interiorizam o espaço o seu próprio sistema cultural.

Fator relevante nas reflexões abordadas sobre a migração é a compreensão de que a migração produz fronteiras, onde são gerados espaços de hibridismo cultural e onde as identidades buscam sua reafirmação diante das expansões. Canclini (2000, p. XIX) entende por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e prática”.

Entre os autores que relacionam a construção da identidade com a memória, estão Le Goff e Michel Pollak, Seus trabalhos evidenciaram que a memória, é mais do que um simples arquivo, é o referencial norteador da construção da identidade.

Como afirma Le Goff, “(...) a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, p. 476).

Para Pollak, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade na medida em que ela é fator de continuidade e de coerência do grupo

em sua reconstrução. Neste sentido, três elementos são constitutivos da identidade: os acontecimentos, as pessoas e os lugares.

A respeito dos acontecimentos, Pollak explica que:

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 201)

Sobre as pessoas ou personagens, para Pollak estas podem ser entendidas como nos acontecimentos, pois existem as encontradas no decorrer da vida ou encontradas por tabela, "e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa". (ibidem, p. 202)

A respeito dos lugares, o autor aponta que alguns podem estar relacionados com as lembranças, mas também não ter apoio cronológico. "Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa este é o caso da Segunda Guerra Mundial". (ibidem, p. 203).

Michael Pollak (1989), em *Memória, esquecimento, silêncio*, não vê com tanto pessimismo as relações entre história e memória ou entre a memória oficial (nacional) e aquilo que denominou "memórias subterrâneas" em referência às camadas populares. Para Pollak, estas memórias marginalizadas abriram novas possibilidades à História Oral. Não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias "que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível" e que "afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados" (POLLAK, 1989).

Lucília de Almeida Neves (2000), em *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*, afirma que, considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Desta forma, os depoimentos coletados tendem a demonstrar que a memória pode ser

identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente.

Em decorrência, o ato de lembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade.

Desta forma, o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Segundo Halbwachs (2006), a memória depende também do contorno social. Assim, representa, ao mesmo tempo, a trama da identidade individual e coletiva. Os depoentes conseguem reconstituir o grupo a que pertenceram e uma identidade no momento em que se ativa a memória e os lugares da sociedade nos quais viveram.

A memória não pode ser ativada isoladamente e nem mesmo sem apoiar-se no grupo social que compartilhou os fatos ou as experiências lembradas. A memória acaba sendo, então, uma condição da identidade dos grupos e das pessoas.

No conceito de Halbwachs (2006), podemos dizer que memória social é aquela existente nas famílias, como em cada pessoa, nas pequenas cidades, nas praças, nas tradições, nas festas populares, não se encontrando somente nos prédios institucionalizados, existentes, principalmente, nas grandes cidades. Nessa perspectiva, memória deve ser observada não apenas como uma fonte de pesquisa, mas precisa ser apreciada também com o objeto de estudo.

Não obstante, a percepção de que a memória é constantemente trabalhada quando relacionada à questão da identidade, abre perspectivas no sentido de ressignificações e reinterpretções acerca do experienciado, do vivido e do sentido, contribuindo e incluindo novas vivências e experiências, para a busca de novos sentidos e outros caminhos para os percursos e percalços da vida “moderna”.

Portanto, utilizar a memória dos migrantes brasiguaios, através de suas falas, para desvelar o surgimento da identidade brasiguai, é fator preeminente para a compreensão deste sujeito.

2.2 O nascimento da identidade brasiguai: similitudes e contradições do significado do termo

Em o *Diálogo de Crátilo*, de Platão, (apud Montenegro: 2007) conclui-se que os nomes não são capazes de dizer a essência das coisas, mas a linguagem também não é destituída de seu papel fundamental de viabilizar o conhecimento. Podemos refletir, portanto, em uma analogia com esta epígrafe, que o substantivo – brasiguaiio – é falho no sentido de trazer a essência de seu significado.

Embora a palavra *brasiguaiio* nos remeta a pensar em uma mescla de brasileiro e paraguaio, na realidade, ela teve uma intenção totalmente diferente: dar uma identidade e visibilidade, a um grupo de indivíduos considerados apátridas. Seu surgimento está relacionado a um contexto de luta política, quando não havia outra palavra que pudesse manifestar o não pertencimento daquela população a nenhum dos lados da fronteira entre Brasil e Paraguai. Portanto, o termo *brasiguaiio* nasce no momento do retorno dos migrantes que haviam se estabelecido no Paraguai de volta ao Brasil.

De acordo com Carlos Wagner, essa expressão nasceu em 1985, em uma reunião no Mato Grosso do Sul, quando se discutia a articulação do retorno dos camponeses migrantes para o Brasil. Nessa reunião, um camponês re-migrado disse, “então quer dizer que nós não temos os direitos dos paraguaios porque não somos paraguaios; não temos os direitos dos brasileiros porque abandonamos o país. Mas, me digam uma coisa: afinal de contas, o que nós somos?” (WAGNER, 1990, p. 20). Neste momento, o deputado federal do PMDB por Mato Grosso do Sul, Sérgio Cruz, respondeu: “vocês são uns brasiguaios, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria” (ibidem).

Ademais, na busca pela compreensão acerca da expressão “brasiguaiio”, nos deparamos com diversos estudos que já pautaram esta questão e que tratam do termo com similaridades e disparidades. Começando por Sprandel (1992: p. 104), a utilização da identidade “brasiguaiia” pressupõe um duplo movimento na fronteira e a esperança do acesso a terra no Paraguai e, posteriormente, no Brasil. Nas palavras de Bárbara:

O brasiguaiio é (...) sinônimo de apátridas, logo, de um grupo que não tem um território nacional de referência ou pertencimento. Seria uma “identidade-obstáculo”, pois eximiria o governo brasileiro de se interessar em facilitar a aquisição de documentos ou em pressionar o governo do Paraguai para viabilizar a legalização dos imigrantes que assim desejam (BÁRBARA: 2005, p. 341).

A mesma autora apresenta também que se denominavam brasiguaios: os agricultores brasileiros expulsos do Paraguai; lavradores brasileiros que trabalham no Paraguai e tiveram que voltar movidos pela pressão do trabalho quase escravo a que lá estavam submetidos; agricultores brasileiros que são no Paraguai, meeiros, rendeiros e boias-frias, trabalhadores rurais que trabalhavam no Paraguai e resolveram retornar ao Brasil, etc.

De acordo com Lindomar Albuquerque, a identidade brasiguaiia adquiriu vários sentidos dos dois lados da fronteira entre Brasil e Paraguai. Na tentativa de construir uma tipologia dos sentidos deste termo, o autor enfatiza:

A identificação “brasiguaiia” é imprecisa e bastante mutável. Essa categoria nativa pode ser atribuída: 1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaiia; 4) aos imigrantes e seus descendentes que falam um “idioma fronteiriço” e mesclam outros elementos culturais dos dois países; 5) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha (ALBUQUERQUE, 2009, p. 154)

Dentre as definições elencadas por Albuquerque (2009), cabe destacar a seguinte:

A palavra “brasiguaiio” pode ser atribuída somente ao filho do imigrante brasileiro que nasceu no Paraguai e que tem a nacionalidade paraguaiia. “Brasiguaios’ são pessoas já nascidas no Paraguai, descendentes de brasileiros que já são nascidos aqui” (Líder do movimento jovem da Congregação Scalabrini, entrevistado em 19 de novembro de 2004) (ALBUQUERQUE: 2009, p. 156).

Outra conceituação é observada por Fabrini (2010, p. 53-54):

Existe também um sujeito social *brasiguaiio* desvinculado dos movimentos sociais, territorializado precariamente, meio brasileiro e meio paraguaiio. Trata-se de sujeitos despossuídos de terra, de organização, emprego, segurança, escola, direitos, cidadania etc. Portanto, o que faz do sujeito social um *brasiguaiio* não é apenas a sua organização nos movimentos sociais, mas, também, a sua precária territorialização e mobilidade no espaço de fronteira. Territorialização precária e organização nos movimentos sociais são os elementos basilares para compreensão da existência desse sujeito oprimido, expropriado e subordinado na fronteira entre Brasil e Paraguai (*grifos nossos*).

No Brasil, ao auto atribuírem a identidade “brasiguaiia” como diferenciação frente à identidade de sujeitos pertencentes a outros movimentos sociais e frente

aos órgãos fundiários brasileiros, estes camponeses reafirmam sua condição de expatriados, com direitos plenos de cidadania.

De acordo com Barth (1998), na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmas (auto atribuição), com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.

Nesta compreensão, Brandão (1986) traz a seguinte contribuição:

Grupos étnicos distinguem-se de outros grupos, por exemplo, de grupos religiosos, na medida em que se entendem a si mesmos e são percebidos pelos outros como contínuos ao longo da história, provindos de uma mesma ascendência e idênticos, malgrado separação geográfica. Entendem-se também a si mesmos como portadores de uma cultura e de tradições que os distinguem de outros (BRANDÃO, 1986, p. 117).

Percebe-se, com isto, que o sujeito brasiguaiio é dinâmico; a expressão e a própria identidade brasiguaiia são utilizadas de diversos sentidos, sendo negociada de acordo com o interesse que necessita ser explicitado ou ocultado. Portanto, a identidade construída insere-se num contexto de ressignificações e reinterpretações de abordagens, em que cada novo olhar, a cada tempo diferente, estabelecerá o conceito a ser utilizado.

Particularmente, a pesquisa aqui apresentada compartilha de duas conceituações: a primeira, estabelecida por Albuquerque, que considera os filhos dos migrantes e a segunda, as observações de Fabrini, ambas supracitadas. Portanto, tem como intenção tornar visível a *experiência* da migração sob o olhar dos pais e dos filhos que empreenderam o trajeto do retorno, bem como as migrações cíclicas de ida e vinda, os quais são sujeitos ativos que vivenciaram a história da migração e viram nascer sua nova identidade, chamada *brasiguaiio*.

3. A conjunção entre a migração e a infância

Já temos observado que a migração traz mudanças profundas no sujeito. Torna frágil, até mesmo, sua identidade. Os sujeitos migrantes movem-se, organizam-se e se reorganizam frente os impactos da migração. A reorganização destes passa algumas vezes, como observado com os brasiguaios, pelo surgimento

de uma nova identidade, a qual interage com conflitos e contradições na sociedade que já está posta com seus termos e conceitos.

Os efeitos das migrações têm impacto especial sobre as crianças migrantes. Elas também *experenciam* a migração e também passam por um processo de aculturação. Não são apenas agentes passivos, mas percebem e refletem sobre esta experiência de forma singular. São, portanto sujeitos que participam e que têm voz.

3.1 A infância como categoria a ser explorada: o que as crianças podem nos dizer

*“A fala é um instrumento de direito, uma proclamação, negação daquilo que o silêncio é – submissão, complacência, desigualdade, menoridade”
(MARTINS: 2012, p. 104)*

A curiosidade das crianças sempre me surpreendeu. Certa vez, ministrando uma aula na Escola Bíblica Dominical, tentei resumir uma história que contava às crianças e, mesmo dando destaque em alguns aspectos da história, com o auxílio de gravuras, uma das crianças percebeu no fundo do desenho uma imagem simples, que, despercebida por mim, não constava no meu discurso e me questionou sobre ela. Sem me adentrar em *“análises psicológicas”*, pois não é este meu intuito, esta cena permitiu-me refletir acerca do “olhar” das crianças e sua percepção sobre o que está à sua volta. O invisível para mim, enquanto adulta, parecia tão evidente para ela. O desenho estava lá. Como não haveria de ser percebido? E como simplesmente ignorar aquilo?

Esta observação calhou com outra inquietação: até que ponto eu deveria “dar ouvidos” àquela criança, responder sua indagação e não permitir que ela perturbasse o meu discurso pronto? E para além da situação ali exposta, qual é a força da voz de uma criança? Quando, nós, adultos, “damos ouvidos” à voz das crianças? E de que forma as narrativas das crianças têm sido ouvidas pela própria ciência?

Inquietações semelhantes têm influenciado diversos pesquisadores a abordar as crianças como principais sujeitos da pesquisa¹³, pois o lugar da criança nas ciências sociais, especificamente na antropologia, tem crescido significativamente nos últimos anos. É importante destacar que tal interesse por esta problemática é também resultado de inúmeras discussões que englobam não somente mudanças no campo social e político, onde há uma nova interpretação acerca da criança, que parte do princípio de que é sujeito de direito¹⁴, como também no campo científico, a partir da reflexão de que as crianças são sujeitos ativos e não meros “receptáculos” de uma socialização¹⁵.

Os tempos contemporâneos incluem, nas diferentes mudanças sociais que os caracterizam, a reinstitucionalização da infância. As ideias e representações sociais sobre as crianças, bem como as suas condições de existência, estão a sofrer transformações significativas, em homologia com as mudanças que ocorrem na estruturação do espaço-tempo das vidas quotidianas, na estrutura familiar, na escola, nos *mass-media*, e no espaço público. Contrariamente à proclamada “morte da infância”, o que a contemporaneidade tem aportado é a pluralização dos modos de ser criança, a heterogeneização da infância enquanto categoria social geracional e o investimento das crianças com novos papéis e estatutos sociais. (SARMENTO, 2004, p. 9)

Este novo *olhar* sobre as crianças tem implicado em novas metodologias e em desafios aos pesquisadores que se *aventuram* sobre este “novo” sujeito, pois se trata de um ator social constituído de novidade geracional.

Desta forma, há neste campo o desafio de superar os preconceitos e representações já impregnados dentro da própria comunidade acadêmica, onde o paradigma negativista acerca da criança, (*não* podem trabalhar, *não* casam, *não* votam, *não* sabem como as coisas “realmente” acontecem) ainda não foi totalmente superado. Aos olhos de muitos estudiosos, as crianças permanecem sendo um grupo “sem poder¹⁶”.

¹³ Na vanguarda dos estudos brasileiros que trouxeram à tona as crianças enquanto objeto de estudo está “As Trocinhas do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis”, de Florestan Fernandes.

¹⁴ Com a promulgação da Lei Federal 8069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estado brasileiro intensificou a garantia de direitos às crianças e adolescente tratando-os com *Prioridade Absoluta*, reafirmando-os enquanto sujeitos de direito.

¹⁵ A este respeito ver: Delgado e Muller (2005).

¹⁶ A perspectiva de que as crianças constituem um grupo sem poder deve-se, em muito, ao fato de que na “sociedade adulta”, as crianças são dependentes da proteção e cuidados dos adultos, bem como da permissividade dos adultos.

Os trabalhos que apresentam as crianças enquanto atores sociais ativos e interlocutores da própria experiência de *ser* criança em determinado tempo e espaço têm contribuído para uma ressignificação da própria criança enquanto ser humano completo, considerando sua cultura e as correlações desta.

Falar das crianças como atores sociais é algo decorrente de um debate acerca dos conceitos de socialização no campo da sociologia. Corsaro (1997, p. 18) afirma que a perspectiva sociológica deve considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças. (DELGADO; MULLER: 2005, p. 351)

Refletindo sobre a própria categoria da infância, muitos autores corroboram a ideia de que esta tem sido modificada e redefinida pelos grupos sociais de acordo com suas próprias observâncias culturais. Cohn (2010) afirma que para os Mebengokré-Xikrin (grupo indígena do norte do Brasil) o período da vida chamado de infância é encerrado quando elas geram seus próprios filhos. Silva (2010), através de suas pesquisas no Recife, observou que alguns aspectos são cruciais para deixar de ser considerada criança, tais como sustentar-se e/ou ter um filho.

A autonomia da criança Mebengokré em relação aos pais é construída gradativamente e reconhecida quando se aprende a falar e a andar. É neste momento que a mãe faz uma pintura diferente da feita em bebês, algo que manifesta e representa sua condição de pessoa na comunidade.

Neste sentido, alguns questionamentos são sugestivos: como as crianças se tornam adultos em determinados grupos? O que as torna adultas? Em que medida as crianças são autônomas e seu mundo não é o mundo do próprio adulto em miniatura? Em que momento se pensa a criança como pessoa? Para Pires (2010), as crianças recriam o mundo a partir do que lhes é apresentado, um mundo de adultos. São agentes da mudança e também da continuidade.

De acordo com Pires (2010) tratar as crianças apenas como *índices* do mundo adulto é como denotar que a cultura tem remetente e destinatário. Para a autora, a mesma dinâmica que se passa com o adulto entre ser um indivíduo único e reprodutor dos padrões recebidos também acontece com as crianças. Portanto, "(...) A cultura não reside estática na cabeça dos adultos, esperando ser enviada passivamente para as cabeças infantis". (PIRES: 2010, p. 148).

Delgado e Muller (2005) também advertem que essa visão de socialização, que considera as crianças como atores sociais plenos; refletem a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares. Desta forma, observa-se que mesmo com crianças, as diferenças dos contatos relacionais são estabelecidas através de conflitos e contradições sobre o sentimento de pertencimento ao grupo que as mantêm.

Não há como negar que, sem deixarmos de considerar seu contexto sociocultural e histórico, é necessário dar o devido respeito e valor ao que a criança diz, pois como afirmou Sarmiento, “o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente” (1997: p.25).

Tudo seria perfeito se o homem pudesse fazer as coisas duas vezes – é de acordo com este pequeno ditado de Goethe que a criança age. Só que a criança não quer apenas duas vezes. Isto não é apenas o caminho para se dominar experiências primárias terríveis, através do embotamento, do exorcismo maligno e da paródia, mas também o caminho para se experimentarem, cada vez mais intensamente, triunfos e vitórias. O adulto, com o coração liberto do medo, goza uma felicidade redobrada quando narra uma experiência. A criança recria toda a situação, começa tudo de novo.” (BENJAMIN, 1992 apud SARMENTO, 2004, p. 28).

Ao encontro destas reflexões, a leitura do texto *Regimar e seus amigos*, de José de Souza Martins, permitiu uma maturação sobre a “utilização” da criança enquanto objeto de estudo, pois ao mesmo tempo que permite uma reflexão sobre a forma como as “crianças” têm sido usadas pelas ciências sociais, ele apresenta a importância destas para a ciência e a possibilidade de integrá-las enquanto fontes aceitáveis de pesquisa. Assim, algumas considerações fazem-se necessárias antes de aludir sobre a temática propriamente dita deste trabalho.

De acordo com Martins, existem correntes sociológicas que entendem a vida social como um “jogo de ocultamento”. Neste escopo, Erving Goffman contribui com a seguinte observação:

Afirmei que quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. (1985: p. 15)

Neste sentido, um “bom” pesquisador deve

(...) descobrir os processos objetivos, as significações objetivas, as leis científicas que se ocultam sob os acontecimentos da superfície, sob as significações reveladas pelo próprio sujeito, sob as transformações sociais decididas consciente e deliberadamente e concretizadas na superfície imediata da vida social (Idem, p. 103).

Tarefa árdua para aqueles que se aventuram em “fotografar” a realidade vivida e, desta forma, serem porta-vozes das verdades¹⁷.

(...) eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos ou os espiões podem achar isso bom. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. [...] Visto por esse ângulo, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano (GEERTZ, 1973, p. 23).

Iniciada a relação entre o pesquisador e o pesquisado, a pesquisa evidencia-se também enquanto ação política, uma vez que envolve um circuito de estratégias e táticas desde a escolha do objeto a ser pesquisado até seu desenvolvimento. A construção do objeto escolhido é desta forma, em um primeiro plano, feita pelo próprio antropólogo, através de sua subjetividade que, aos poucos se torna parte da pesquisa.

A ideia de que se possa construir um objeto de observação independentemente do próprio observador provém na realidade de um modelo "objetivista", que foi o da física até o final do século XIX, mas que os próprios físicos abandonaram há muito tempo. E a crença de que é possível recortar objetos, isolá-los, e objetivar um campo de estudo do qual o observador estaria ausente, ou pelo menos substituível. Esse modelo de objetividade por objetivação é, sem dúvida, pertinente quando se trata de medir ou pesar (pouco importa, neste caso, que o observador tenha 25 ou 70 anos, que seja africano ou europeu, socialista ou conservador). Não pode ser conveniente para compreender comportamentos humanos que veiculam sempre significações, sentimentos e valores (LAPLANTINE, 2003, P. 141).

Segundo Martins (2012), as Ciências Sociais têm um entendimento definido acerca das fontes aceitáveis e respeitáveis, importantes, seguras, mais objetivas e

¹⁷Segundo Cardoso (1997, p. 95), “Um pesquisador capaz de uma “boa” interação com as minorias ou grupos populares será sempre um porta-voz de seus anseios e carências, logo, da sua “verdade”. O critério para avaliar as pesquisas é principalmente sua capacidade de fotografar a realidade vivida”. Esta “aventura” torna visíveis situações ocultadas no frenético vai-e-vem cotidiano.

complexas. Há, portanto, uma tendência dos cientistas sociais em dar relevância aos informantes “objetivos” e que tem, de certa forma, domínio sobre o ambiente em que se desenvolve a pesquisa.

Neste perfil de aceitação, alguns sujeitos ficam à margem, pois não há espaço para eles. E dentre estes, estão as crianças. “(...) a tendência é o cientista social interessar-se por informantes que estão no centro dos acontecimentos, que têm, supostamente, uma visão mais ampla das coisas, que são os arquitetos da cena e da encenação social” (MARTINS, 2012: p. 103).

Entretanto, Martins adverte para o fato de que a pesquisa pode ser também uma armadilha, pois o mais relevante é aquilo que não é dito, o que as pessoas ocultam em seus discursos. O que é dito espontaneamente é também o que pode ser confessado sem risco, mas o que é silenciado é de fato a relevância de sua vida privada¹⁸.

A relação entre o pesquisador e o sujeito é também uma relação de poder, segundo Martins. Uma relação hierárquica, de autoridade. Isto explica, mais uma vez, o porquê do pesquisador descartar determinados sujeitos da cena. Pois, alguns são para ele os que em público nada têm a declarar: mulheres, crianças, velhos. “São os que não deixam textos escritos, documentos” (MARTINS, 2012, p. 104). O saber acadêmico não os elegeu enquanto informantes válidos.

Há, assim, os que falam e os que se pronunciam através do silêncio. “A fala é um instrumento de direito, uma proclamação, negação que o silêncio é – submissão, complacência, desigualdade, menoridade” (MARTINS, 2012, p. 104). Entretanto, como já mencionado, muitos pesquisadores têm desafiado as limitações impostas em nome da sociedade ou da classe social e avançam no sentido de dar voz aos calados, excluídos e marginalizados pela pesquisa científica, através do entendimento de que estes sujeitos contribuem para a compreensão dos fenômenos sociais¹⁹.

¹⁸ Cardoso (1997, p. 95) afirma que a função do pesquisador é “tornar visível aquelas situações de vida que estão escondidas e que, só por virem à luz, são elementos de denúncia do *statu quo*”. Daí o entendimento de que a pesquisa é também uma dedicação do próprio pesquisador sobre sua forma de olhar.

¹⁹ Para Zaluar (Bibliografia) (1986, p. 114) “... sem que o pesquisador muitas vezes o perceba, ele é o mero registro de um discurso *para fora*, dirigido a um público mais amplo (como acontece em qualquer pesquisa), mas que busca os seus verdadeiros interlocutores...” O pesquisador é, portanto um interlocutor do grupo que estuda.

Desta forma, o próprio Martins rompe com a perspectiva de ofuscar um contingente social, no qual estão inseridas as crianças, e faz uma vasta coleta de depoimentos em um Núcleo de Colonização Particular, no Mato Grosso, e em dois povoados no Maranhão. Martins relata: “Neste capítulo falo da fala das crianças, que por meio dela me falam (e nos falam) do que é ser criança (e adulto) nas remotas regiões das frentes de ocupação do território, em distantes pontos da Amazônia” (MARTINS, 2012, p. 106).

Em sua pesquisa sobre a luta pela terra, Martins referiu-se ao grupo, que segundo ele, “não fala, mas ouve muito”, as crianças. Através de suas percepções, foi revelado o que é ser criança (e adulto) em seu espaço e tempo. Em cada espaço e em cada tempo há uma concepção diferente de pessoa, adulto e criança.

Suas observações na Colônia de Canarana (Mato Grosso) e em povoados da pré-Amazônia maranhense apontaram ainda categorias fundamentais no cotidiano das crianças, tais como: trabalho e família. São estes também os componentes basilares para a migração das famílias estudadas. Para as crianças de Canarana, a infância é concebida como preparação para o futuro. “A infância se qualifica pelo que vem depois” (MARTINS p. 109). A noção de “melhora de condições de vida” é assimilada como possibilidade de trabalho e não diretamente mudança no nível de vida.

Segundo Martins, à medida que “essas crianças falam sobre a sua condição, vão revelando personagens, categorias, regras que demarcam e definem as ocorrências e sua interpretação” (2012, p. 117). Ao serem estimuladas a escrever pequenos depoimentos sobre a migração e o novo lugar, Martins afirma que as crianças revelaram grande vontade de falar. Entretanto, isto não significou uma fala infantilizada. Confirmou a expressão do conhecimento sobre os fatos ocorridos e revelou-se uma fala “tristemente adulta”.

A criança atua na criação de relações sociais e categorias que permitem definir sua própria condição dentro da sociedade enquanto sujeito social. A criança não é somente receptora de cultura, mas é sujeito social ativo e influente, produtora também, e atua na criação de relações sociais e categorias que permitem definir sua própria condição dentro da sociedade enquanto sujeito social.

Através da voz da pequena Regimar, de 11 anos, Martins alçou a reflexão acerca do “que é ser criança” num espaço de conflitos. Sua narrativa acerca da

migração revela que, para além da busca de terra, há a fuga da humilhação e da “cerca” que os impede de trabalhar.

Regimar constitui-se, portanto, num desenho da expressão real de uma criança que, a partir de sua concepção de totalidade de tempo e espaço, absorve e compreende o mundo adulto com suas próprias significações, sem inferiorizá-las ou desfigurá-las. Neste sentido, define sua realidade e a reconhece enquanto sujeito constituinte das produções sentidas em seu meio.

Esta noção de utilizar a infância na pesquisa estimula a compreensão da interação das crianças no mundo adulto. Delgado e Muller (2007) entendem que essa visão de socialização que considera as crianças como atores sociais plenos, refletem a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares. Numa direção análoga, a partir de uma pesquisa em um contexto diferente, Cohn afirma que “a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa” (COHN, 2005: p. 33).

A voz de Regimar manifestou o silêncio de muitas outras crianças que estão no campo de investigação sociológica e que não são ouvidas. Desta forma, apresentou-se como uma inspiração e, até mesmo, um manifesto para que a voz das crianças brasiguaias que nasceram no Paraguai, e empreenderam junto às suas famílias a migração ao Brasil, especificamente para o município de Assis Chateaubriand-PR, pudesse ser ouvida.

PARTE II

REFERENCIAIS METODOLÓGICOS

1. Escolhas metodológicas

Neste capítulo, é apresentada a justificativa das escolhas metodológicas e dos procedimentos realizados nesta investigação. A partir da problemática inquirida, enquanto ponto de partida que se revelou como inquietação para a pesquisa, faz-se referência às opções de pesquisa que demonstraram ser as mais adequadas e que justificam as opções metodológicas e os recursos às técnicas de análise e interpretação de dados.

O início da investigação deste trabalho ocorreu em 2013, quando as inquietações, já anteriormente relatadas, tornaram-se de fato um projeto de pesquisa. Deste modo, foi possível uma maturação sobre os dados recolhidos anteriormente, a apreensão e a análise de novos dados.

A princípio, este trabalho havia sido projetado para uma investigação em uma localização específica do município de Assis Chateaubriand, o Distrito de Engenheiro Azauri, a mais ou menos 10 km da sede municipal. Esta pretensão inicial esteve vinculada ao fato de que, por muito tempo, este distrito havia sido receptáculo de migrantes, especialmente do Paraguai. Entretanto, nos caminhos e *descaminhos* deste trabalho, surgiram à tona outros sujeitos dignos de serem mencionados, que, por diversos motivos, entre eles familiares, viram em Assis Chateaubriand a alternativa, para alguns, talvez a única alternativa, de dar novos rumos à vida.

Com o intuito de alcançar o objetivo central desta pesquisa, a compreensão da identidade cultural das crianças brasiguaias e que residem no município de Assis Chateaubriand, foi necessário, em primeiro lugar entender os caminhos que construíram as migrações dos brasiguaios. Portanto, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica de referência, a respeito das migrações de brasileiros para o Paraguai, bem como do retorno ao Brasil, com a intenção de resgatar a história destes movimentos e de construir um panorama da conjuntura atual do grupo chamado “brasiguai”. Em seguida, as crianças *brasiguaias* foram identificadas através de registro escolar, junto à Secretaria Municipal e também nos postos de saúde do município.

De acordo com a antropóloga Mirian Goldenberg o problema a ser investigado determina como fazer a pesquisa. Sendo assim, diante dos objetivos almejados

neste estudo, optamos pelo método de investigação científica de pesquisa qualitativa, pois este é capaz de fornecer elementos para uma reflexão aprofundada sobre o fenômeno ao qual nos propusemos a estudar, através da observação participante e a interpretação social dos dados recolhidos.

Através da pesquisa qualitativa foi possível compreender a experiência das crianças migrantes, a partir da observação de como vivem, interagem e interpretam suas experiências junto a seus familiares, a escola e a comunidade. Esta opção pelo uso do método qualitativo também reflete as considerações de Sampieri, Collado e Lucio (2006), citados por Silvestre, H. e Silvestre, M. (2012: 39), quando consideram que a “investigação qualitativa tem como objetivo explorar, descrever e tentar compreender e explicar com maior profundidade fenômenos sociais complexos que de outra forma dificilmente seriam percebidos”.

É importante observar que, metodologicamente, não há contradição entre a investigação quantitativa e qualitativa. Entretanto, é na investigação qualitativa que os valores, as crenças, representações, hábitos e opiniões podem ser interpelados. Portanto, entendemos ser este o método mais apropriado para atender às necessidades desta pesquisa.

Também realizamos um estudo de caso, enquanto estratégia de investigação. Esta opção apresentou-se interessante por permitir a análise de um “caso” que apresentasse com mais detalhes a complexidade da migração (a saída do Paraguai / a recepção no Brasil) considerando o discurso e o olhar da criança sobre este fenômeno, mas que também trouxesse à tona os correlatos da migração sob o olhar da família e da comunidade.

O método do Estudo de Caso, segundo Ana Maria Roux e Valentini Coelho Cesar (2005) deve considerar três aspectos: “a natureza da experiência, enquanto fenômeno a ser investigado, o conhecimento que se pretende alcançar e a possibilidade de generalização de estudos a partir do método”. Sob esta perspectiva, a partir da explanação daqueles que vivenciaram a experiência da migração, trazendo à tona a memória revelada dos fatos, a compreensão acerca deste fenômeno se coloca em harmonia com a constituição das demais análises da pesquisa, tornando-se parte importante do processo de rememoração dos fatos vivenciados.

1.1 Justificativa do Trabalho

O ponto de partida deste trabalho teve como inquietação tornar visível a *experiência* da migração para aquelas que, muitas vezes, não participaram das decisões em torno da “mudança”, mas que foram silenciadas por suas próprias trajetórias: as crianças.

Embora a migração seja tema de investigação nas diversas áreas do conhecimento (geografia, ciências sociais, economia²⁰), ainda há no meio acadêmico polêmicas quanto às fontes aceitáveis e respeitáveis do dado científico. Num certo sentido, a maioria das pesquisas ainda delimita seus esforços em utilizar como fontes, sujeitos informantes que “têm certo domínio das ocorrências” (MARTINS: 2009: p. 103).

Neste contexto, embora existam trabalhos notáveis desenvolvidos sobre a problemática dos brasiguaios no Estado do Paraná e até mesmo acerca da escolarização destes sujeitos, como é o caso de *Construção e reconstrução da identidade de alunos brasiguaios: representantes de grupos minoritários estigmatizados - dentro do contexto escolar*, de Mossmann (2011), suas especificidades ainda não contemplam a “voz” de determinados sujeitos que também fazem parte do núcleo familiar envolvido, das crianças.

Deste modo, este trabalho justifica-se pela sua intenção de construir uma reflexão sobre a identidade cultural das crianças brasiguaias que vivem atualmente no município de Assis Chateaubriand, abrangendo os aspectos de interação deste grupo junto à comunidade e o ambiente escolar, no sentido de compreender como estas variáveis são conformadoras de uma identidade através da utilização, ora evocada, ora silenciada, da memória da experiência migratória.

Este ensejo justifica-se pela necessidade de uma observação mais atenta sobre a construção identitária de uma fração de sujeitos cuja definição de identidade nacional ainda não é consensual e também pela pouca existência de estudos que trazem a temática exposta imbuída numa perspectiva de ouvir um “grupo que não fala, mas ouve muito”, as crianças.

²⁰ Como, por exemplo, podemos citar FERRARI, Carlos A. Dinâmica territorial na (s) fronteira (s): Um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná – Paraguai. Dissertação de Mestrado em Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2009

Neste sentido, definimos como problema central desta investigação, compreender se a construção da identidade cultural de crianças brasiguaias é influenciada pela reprodução da memória da experiência da migração empreendida junto a suas famílias, por parte da comunidade e ambiente escolar. Subjacente a este problema serão observadas outras questões, entre elas: Como as crianças percebem a experiência de migração de seus pais? Quais lembranças marcaram este processo? Como se identificam dentro do núcleo familiar na perspectiva de mudança de território? De que maneira a comunidade e a escola participam na formação da identidade cultural do grupo em questão?

O objetivo central desta pesquisa é compreender como se dá a manifestação da identidade cultural das crianças brasiguaias a partir, não apenas do *lócus* da terra, mas do seu ambiente de moradia e sociabilidade, considerando as noções de cultura, tradição, costumes e comunidade. Desta forma, refletir acerca da influência da comunidade e da escola na construção desta identidade ao *afirmarem* ou *negarem* a experiência da migração advinda de sua trajetória de vida.

Neste sentido, especificamente, procurar-se-á:

- a) Identificar a atual conjuntura dos brasiguaios no Estado do Paraná e, especificamente no Oeste do Paraná;
- b) Desvelar a dinâmica das migrações das crianças brasiguaias no “caminho de volta para casa”;
- c) Traduzir as falas e os silêncios das crianças brasiguaias com relação à suas percepções sobre sua identidade cultural dentro da compreensão do complexo processo de migração;
- d) Refletir acerca do papel da comunidade e da escola (ao evocar e silenciar a migração) na socialização e construção identitária destas crianças.

1.2 O grupo participante

Os sujeitos que participaram desta investigação foram sete crianças. Em todos os casos, elas falam o idioma Português, mas têm como língua materna o guarani. São três meninas e quatro meninos e suas idades compreendem dos cinco anos até quinze anos. Como relatado anteriormente, este trabalho foi desenvolvido no intervalo de 2013 – 2017.

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizadas outras fontes para entrevistas, além das crianças, os familiares foram entrevistados.

2. O processo de investigação

2.1 Fontes

Tal como descrevemos anteriormente, este trabalho teve como metodologia a investigação participante. Na primeira fase deste processo, realizamos um levantamento de dados para identificar as crianças “brasiguaias”. Para tanto, nos reportamos à Secretaria Municipal de Educação, ao Núcleo Regional de Educação, ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e à Secretaria Municipal de Saúde. A Secretaria Municipal de Educação nos forneceu o número de crianças matriculadas até o 5º Ano. Já o Núcleo Regional de Educação não tem conhecimento do número de imigrantes que estão na Rede Estadual de Ensino no município. Recebi a informação, pela responsável pelo setor do Sistema Estadual de Registro Escolar (SERE) do município, que não existe “Campo” virtual sobre este dado nas informações dos alunos. Desta forma, realizei uma busca diretamente nas escolas, a fim de obter este dado com a Secretaria da Escola.

Pude obter maiores informações no CRAS e na Secretaria Municipal de Saúde. Pois, nestes dois locais, há um registro mais preciso sobre as famílias, visto que elas procuram estes órgãos para assistência social (recebimento de auxílios e regularização de documentação) e de saúde (consultas e medicamentos). Estes dados permitiram reconhecermos algumas famílias migrantes do Paraguai.

Após a identificação das famílias, começamos a examiná-las, buscando um direcionamento para o reconhecimento daquelas cujos filhos participaram da migração de retorno ao Brasil.

2.1.1 A Pesquisa Bibliográfica e Documental

Para alcançarmos os objetivos propostos, foi necessário em primeiro lugar entender os caminhos que construíram as migrações dos brasiguaios. Portanto, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica de referência, a respeito das

migrações de brasileiros para o Paraguai, bem como do retorno ao Brasil, com a intenção de resgatar a história destes movimentos e de construir um panorama da conjuntura atual do grupo chamado “brasiguaios”. A pesquisa bibliográfica deu-se também através de *bases on line* as quais permitem a apreciação de trabalhos (monografias, TCCs, dissertações e teses) sobre o tema em questão.

Posteriormente, focalizamos nossa pesquisa bibliográfica para as leituras que tratam da questão da utilização das crianças nas pesquisas científicas, bem como dentro da abordagem acerca da relação entre a infância e a migração. Neste ínterim, exploramos algumas obras relacionadas a estudos antropológicos que trazem a crianças como fonte de pesquisa e, também, abordamos as problemáticas correlacionadas a este recurso de investigação, bem como identificamos a escassez de estudos que abordem a problemática da migração sob o olhar das crianças migrantes.

Foram realizadas pesquisa junto à Secretaria Municipal de Educação, ao Núcleo Regional de Educação e ao Cartório de Registro Civil, para a busca de documentações que pudessem auxiliar na quantificação das famílias de brasiguaios que moram no município de Assis Chateaubriand (PR).

2.1.2 As entrevistas

Utilizar entrevistas como procedimento de coleta de dados tem sido usual em pesquisas na área de ciências humanas. Quando combinadas às intuições e percepções do pesquisador, qualificam o levantamento de dados e a análise e interpretação dos mesmos.

De acordo com Valles (2000), p. 190 apud Rosa; Arnoldi, (2006) “constituem entrevista e investigação as entrevistas apresentadas na forma de: conversação social ordinária e as entrevistas profissionais correntes”. Neste sentido, a utilização de entrevistas foi imprescindível neste trabalho.

Antônio Carlos Gil (1999) tipifica as entrevistas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. Optamos por realizar dois tipos de entrevistas: a entrevista focalizada e a entrevista em grupo. Quanto à focalizada, esta teve o intuito de permitir “ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Já a entrevista em grupo,

foi realizada junto às famílias (crianças e seus pais), com o “propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados”.

Segundo Gil (1999), nas entrevistas de grupo:

De modo geral, o moderador inicia a reunião com a apresentação dos objetivos da pesquisa e das regras para participação. O assunto é introduzido com uma questão genérica, que vai sendo detalhada até que o moderador perceba que os dados necessários foram obtidos. Pode ocorrer também que o moderador decida encerrar a reunião ao perceber que está se tornando cansativa para os participantes.

A principal vantagem da técnica do uso de entrevistas foi a possibilidade de percepção das entrelinhas dos discursos, através da riqueza de detalhes que a entrevista forneceu, mas também pela expressão da palavra dita e pelo silêncio não previsto sob determinada circunstância que o caminhar da conversa trouxe à tona.

2.1.3 Desenhos

Em 1887, foi publicado um livrete sobre a arte dos desenhos das crianças. Este trabalho disseminou o uso de desenhos como fonte de informações sobre as crianças. Segundo Haney; Russell; Bebell, 2004 (apud VELOSO, A. R.; HILDEBRAND, D. F. N. ; ALBUQUERQUE, C. A)“a partir disso, inúmeros pesquisadores se debruçaram sobre os desenhos das crianças como uma forma dela transmitir informações que ele não consegue verbalizar ou escrever de forma consciente”.

A utilização de desenhos, enquanto método de pesquisa, teve como motor o fato de que o desenho é uma forma lúdica onde é possível manifestar-se e expressar-se livremente sobre determinado assunto, o que permite ao pesquisador a possibilidade da interpretação do “conteúdo manifesto” (através das imagens registradas), mas também do “conteúdo latente” (observado nas “entrelinhas” dos desenhos).

Com relação a este último aspecto,

“MÈREDIEU (2006) o aponta como ‘um resgate de uma simbologia complexa que existe por detrás da representação visual’ e que ATKINSON (2008) define como uma prática semiótica, revelando em cada cenário produzido pelas crianças, um sistema de significação individual. “O desenho

tem sido compreendido como um meio que permite à criança organizar informações, processar experiências vividas e pensadas, estimulando-a a desenvolver um estilo de representação singular do mundo” (MENEZES et al., 2008)” (apud Aparecida Abreu Ferreira da Silva, 2010)

Desta forma, esta pesquisa utilizou-se desta ferramenta onde, através de perguntas motivadoras, as crianças desenharam e, após os desenhos serem realizados, elas foram novamente indagadas para que os desenhos pudessem ser mais bem interpretados. A percepção do pesquisador somada à compreensão que as crianças fazem sobre seus próprios desenhos são aparatos que corroboram com a coleta de dados da pesquisa.

O uso do desenho como unidade de discurso, como mostrou YANEZ et al. (2008), também possibilita ao pesquisador leituras eficazes das percepções das crianças, principalmente em função da clareza das idéias passadas para o papel. Algumas concepções teóricas sobre o desenho infantil trazem considerações relevantes em relação ao que a criança verbaliza sobre o desenho: “O desenho vai receber de seu autor uma interpretação, aliada a um comentário verbal, como se fosse o prolongamento de sua ação. A criança vai expressar surpresa ao ver ali, configurado concretamente, aquilo que se passava dentro de sua cabecinha e de seu coração. É a intimidade exposta e revelada. A interpretação verbal que a criança realiza ao ver ou fazer seu desenho muitas vezes se transforma numa outra história. Às vezes é pura constatação, em outras é atribuição de valores” (DERDYK, 1989). (apud Aparecida Abreu Ferreira da Silva, 2010)

Haja vista as nuances pelas quais o grupo inquirido apresenta, os desenhos permitiram a este expor suas ideias, pensamentos e inquietações sobre o que vive e já viveu. Através da objetividade dos desenhos, a percepção das crianças com relação à sua experiência migratória e seus correlatos foi manifestada de forma tranquila e natural.

2.2 A produção do conhecimento

2.2.1 Os primeiros passos da pesquisa

Realizar uma pesquisa sobre migração e utilizar as crianças como principal fonte para a percepção desta experiência, sugere ao menos duas polêmicas: as que envolvem as inseguranças de todo migrante e as recomendações dos pais para que

crianças não falem com “estranhos”. Deste modo, os passos para entrar no “terreno” deste grupo foram sutis e singulares.

O conhecimento e a presteza das assistentes sociais e das agentes comunitárias de saúde foram essenciais para a realização desta pesquisa. São elas que estão lidando com o cotidiano destas famílias, que, inclusive, tendem a mudar de residência de forma corriqueira.

Após uma primeira análise sobre quais famílias se encaixariam no perfil pretendido (conforme dito anteriormente), as mesmas foram contatadas e dentre estas, algumas aceitaram participar da pesquisa. Cabe ressaltar que o recolhimento dos dados (observação e entrevistas) foi realizado em períodos diferentes (2013 e 2017). Desta forma, garantimos a participação de cinco famílias que se deu de forma voluntária para esta pesquisa.

2.2.2 A observação e a escuta

Dois momentos se mostraram singulares nesta pesquisa: a observação participante e a escuta das crianças. Este par simétrico ocorreu de formas diversas. A princípio, as mães e pais foram interpelados e, posteriormente, foi a vez das crianças. Esta parte da pesquisa foi realizada em ambientes do cotidiano das crianças: nas casas, no quintal, no espaço de recreação do bairro onde moram (salão comunitário) e na escola.

As observações participantes foram registradas em um diário de campo e algumas entrevistas gravadas em áudio, outras foram feitas apenas os registros escritos no momento da entrevista, à pedido do entrevistado. As entrevistas foram transcritas respeitando-se a expressão verbal dos participantes.

PARTE III
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1. As circunstâncias de ser criança e imigrante em Assis Chateaubriand

Este capítulo tem a pretensão de abordar a *experiência* da migração a partir da análise e interpretação dos dados recolhidos. A organização deste está de acordo com “dimensões de análise”, as quais serviram para sistematizar as ideias advindas da observação participante e das entrevistas.

1.1 O reconhecimento do local onde estão *nossas* crianças

A história do município de Assis Chateaubriand apresenta-se como um cenário de migrações interestaduais e internacionais desde sua fundação. Com o estímulo das correntes migratórias e sob o olhar da Colonizadora Norte do Paraná, em meados da década de 1950, o povoado denominado Tupãssi, no interior do Estado do Paraná, crescia em número populacional e em desenvolvimento agrícola. Em 20 de agosto de 1966, através da Lei nº5.389 sob o nome de Assis Chateaubriand, emancipou-se o município que, alguns anos depois, levaria o *slogan* de “Morada Amiga”.

A principal fonte de desenvolvimento e sustentação do município de Assis Chateaubriand é a agricultura. Segundo Censo Demográfico 2010 do IBGE, o município de Assis Chateaubriand contava com 32.944 habitantes residentes em áreas urbanas e rurais. Seu território abrange a área urbana, correspondente à Sede e distritos, e à área rural. Os distritos são os seguintes: Distrito Encantado do Oeste, Distrito Bragantina, Patrimônio Silverópolis, Cidade Nice, Patrimônio Terra Nova e Vila Engenheiro Azaury.

Este reconhecimento inicial permite-nos refletir sob que circunstâncias de poder aquisitivo e acesso a políticas públicas estão as famílias inquiridas nesta pesquisa.

1.2 A experiência da migração pelas famílias

As entrevistas com as famílias foram basilares para que pudéssemos ter a estrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa. As famílias mostraram-se compreensivas aos intuitos do trabalho e abriram as possibilidades para que o

mesmo fosse realizado com as crianças e ser concretizado de forma adequada. Duas mães (M1 e M2), um pai (P1) e um avó (V1) foram entrevistados antes das crianças, para que os aspectos da experiência da migração pudessem, primeiramente, serem trazidos à tona através da contextualização dos caminhos pelos quais a família passou.

Sobre o perfil deste grupo, podemos destacar que não pertencem à mesma família e são trabalhadores ligados à agricultura, à serviços domésticos e ao trabalho braçal em frigoríficos da região.

As dimensões de análise neste período foram as seguintes:

- a) Motivos da mudança para o Paraguai;
- b) A vida no Paraguai;
- c) Motivos para o retorno ao Brasil;
- d) Adaptações necessárias neste retorno;
- e) Percepção e expectativa de futuro dos filhos no Brasil;
- f) Reconhecimento identitário.

1.2.1 A história da “ida” ao Paraguai e da “volta” ao Brasil contada pela família

Consoante à organização das dimensões supracitadas, os motivos que impulsionaram a migração das famílias entrevistadas para o Paraguai, assemelham-se às observações anteriormente já destacadas no capítulo 1. O grande impulsor para este traslado foi o trabalho na agricultura, como pode ser observado nas entrevistas:

- *“... a gente queria trabalhar. Lá dava pra comprar a terra e trabalhar”. (P1)*
- *“... eu sabia que a terra lá estava barata. O dinheiro que a gente tinha dava pra comprar um bom pedaço de terra lá”. (V1)*
- *“... foi bom ir pra lá. Meu sogro já estava lá... e a gente queria ir ajudar ele lá, no sítio”. (M1)*

Nestes relatos, o significado e a importância do trabalho na agricultura, enquanto prática cultural familiar, mas principalmente meio de sobrevivência, podem ser identificados como fator catalisador para o deslocamento até o Paraguai. Desta

análise, outras duas observações podem ser destacadas: para estas famílias, o trabalho na agricultura no Paraguai era gestado pelo núcleo familiar (para àquelas que possuíam terras) ou membros de uma mesma família (pai, mãe, avós) trabalhavam em determinada fazenda para outros donos de terras.

As expectativas de melhoria na renda familiar, as promessas de que no outro país era mais fácil viver (e, por que não dizer, sobreviver), a busca pela “fortuna”, foram os argumentos que justificaram a saída do país. Algumas crianças ainda não haviam nascido quando os pais brasileiros mudaram para o Paraguai e não participaram deste processo.

- *A Gabi e o Gabriel ainda não tinham nascido. Mas a gente queria viver lá mesmo. Ter família pra lá, mais perto da avó deles e ter uma vida melhor. (M1)*
- *As crianças foram nascer quando a gente morava lá. Quando elas nasceram, as coisas não estavam fáceis não. (M2)*

Sobre a vida lá no Paraguai, eles relatam:

- *A gente vivia bem lá. As crianças iam na escola e tinha uns vizinhos bons lá no sítio. A gente ajudava eles e eles nos ajudavam e aí a gente trabalhava bem. (P1)*
- *Eu quis que meu filho fosse pra lá. Porque lá era bom de trabalhar. As coisas foram boas. Tinha serviço. (V1)*
- *Só Deus sabe como eu vivia lá. Meu marido era paraguaio e não queria saber de trabalhar. Só de beber. Me deixava num barraco no meio do mato com as crianças e saía. Eu fiquei sozinha pra ter um filho... por isso ele morreu. Depois tive mais três. (M2)*

Para alguns entrevistados, o período em que moraram no Paraguai foi bom. Porém, o fato de ter sido um “período bom”, não tem relação com as expectativas que haviam sido levantadas no momento da decisão de migrar. Pois, as circunstâncias em que se encontravam no Paraguai não eram as mesmas almejadas na saída do Brasil.

Uma nostalgia pôde ser verificada quando a narrativa alcançava as lembranças relacionadas aos vínculos familiares e de amizade com outros brasileiros que moravam lá e também com paraguaios. Além disso, vários relatos deixam claro que eles ainda possuem relacionamento com pessoas que continuam morando no Paraguai.

- *As pessoas lá são boas também. Tem uns que são ruins, mas a maioria é boa. De vez em quando a gente vai pra lá visitar um tio meu (M1).*

Novamente, os motivos que levaram estas famílias ao Paraguai, pareceram os mesmos que as fizeram trilhar o caminho de retorno ao Brasil: a busca por melhores condições de vida. Mas, desta vez, esta expectativa não estava somente relacionada à melhora do padrão financeiro, outras questões foram destacadas. Neste sentido, as respostas desta dimensão de análise variaram significativamente.

Sobre isto, seguem alguns relatos relevantes:

- *Eu tenho um problema sério de saúde e não dava pra tratar lá. Ou você tem dinheiro e paga ou você não tem atendimento. Aqui tem o SUS. No SUS eu tô indo fazer exames e o tratamento. Vou até pra Curitiba pra fazer uns exames que só tem lá. (P1)*
- *Não dava mais pra ficar lá. O meu marido ia me matar. Já tinha tentado antes. Daí resolvi vir embora. Tinha a minha irmã aqui no Assis. (M2)*
- *O trabalho na roça tava difícil e a gente mal tava recebendo pra viver. Eu já tinha deixado minha casa aqui e meus filhos cuidando, daí resolvemos voltar... eu, a mulher, meu filho, nora e os dois netos. (V1)*

As semelhanças entre estas narrativas foi o evidente sentimento de decepção e constrangimento demonstrado na oitiva. Decepção porque o retorno significava, de certa forma, um fracasso e constrangimento pela vergonha de não haver alcançado o “sonho”, a esperança de uma vida melhor, nem para eles e tampouco para seus filhos.

Destarte, esta “ida e vinda” na fronteira exigiu algumas mudanças salutaras no cotidiano destas famílias.

- *Quando eu cheguei a gente também estava sem emprego. Na verdade, eu tô sem emprego até agora. A gente veio morar com meu sogro e esse ano conseguimos alugar essa casa. Meu marido trabalha nas roças e eu fico em casa, pra cuidar da casa e das crianças. (M1)*
- *As crianças estavam acostumadas com os amiguinhos delas lá. Aqui foi difícil porque no começo elas não tinham documento e a escola não queria matricular. Depois matricularam e agora a gente tá mexendo com os papéis. (M1)*
- *Eu voltei e pra mim tá tudo bem. A gente preferia estar lá, mas não tem jeito, a saúde não ajudou. (P1)*
- *Eu conheço todo mundo que mora aqui perto de casa e não tenho problema com ninguém. Desde que eu cheguei, pra mim tá tudo bem. Eu trabalho, eu pago as coisas e sempre to indo pro Paraguai pra ver meu irmão que está lá e ver o meu pedacinho de terra que eu deixei. Não vendi tudo não. (V1)*

Na maioria dos relatos, a esperança de que as coisas melhorem no Brasil, é projetada sobre os filhos, que nasceram neste processo de migração, os *nossos brasiguaios*.

- *Aqui eles têm estudo, têm saúde e agora que a gente arrumou os documentos, eles têm a Bolsa Família. Tá melhorando as coisas né?! (P1)*
- *Eu tô trabalhando em casa de família. Daí chego em casa e vejo que a menina (a filha) não foi pra escola, fico doida de raiva. A gente se mata o dia todo pra eles poderem estudar e ser alguém e fica faltando na escola! Assim não, né?! (M2)*
- *Você pode ver. Tá todo mundo direitinho. Não tem nenhuma reclamação na escola. Essa aqui (apontando pra filha) vai pra escola de manhã e chega a tarde vai de novo. A tarde ela ajuda a professora na classinha das crianças pequenas. Disse que vai ser professora. (M3)*

Sobre o reconhecimento indenitário, os relatos demonstram divergências:

- *Eu sou brasileiro. Eu nasci aqui. Já me vieram dizendo que eu era brasiguai, mas no meu registro tá que eu sou brasileiro. Então eu sou brasileiro. Acho que não existe esse negócio de brasiguai. Ou é brasileiro ou paraguaio. (P1)*
- *Eu acho que a gente fica meio a meio né?! Eu gosto daqui e gosto de lá. Preferia lá, mas aqui que a gente tem que ficar agora. Eu acho que eu sou isso mesmo... brasiguai. (M1)*
- *Eu sou mais paraguaia que brasileira. Se vê que eu falo até meio rapidinho (risos). Gosto de falar guarani. Até falo em casa com os meus filhos. Só não quero voltar pra lá. A vida lá foi o cão. (M2)*
- *A gente fica meio sem saber, né?! Tem gente que fala que eu sou brasiguai. E eu acho que devo ser mesmo. Porque a gente viveu lá tanto tempo e depois tá aqui e fica indo e vindo. (V1).*

Os discursos aqui destacados refletem as diversas nuances que o conceito em torno da identidade brasiguai carrega, como já destacado anteriormente. A indefinição deste termo, cuja conceituação é debatida entre os intelectuais, também é motivo de controvérsia entre os migrantes. Porém, a similitude relacionada ao reconhecimento identitário deste grupo reside no fato de que a maioria deles considera que sua cultura tem aspectos da sociedade brasileira, mas também do Paraguai, como revelado na seguinte fala:

- *As crianças adoram tomar tererê. O daqui é um pouco diferente do que a gente fazia lá. Aqui eles ficam tomando com refrigerante. Mas é muito bom e a gente gosta. (M1)*

1.3A experiência da migração rememorada pelas crianças

Apresentamos nesta seção as análises referentes à escuta e observação participante de um grupo selecionado de crianças que compartilham a história de serem filhas de brasileiros, nascidas no Paraguai e que empreenderam junto às suas famílias o trajeto de retorno ao Brasil.

Como dito anteriormente, o grupo que participou desta investigação constitui-se por sete indivíduos com idades heterogêneas e que tiveram uma socialização

permeada pelas identificações culturais de dois países: Brasil e Paraguai. Para preservar a sua imagem, optamos por nos referir a elas seguindo a seguinte referência, de acordo com o perfil:

CRIANÇA	IDADE	SEXO
C1	5 ANOS	MASCULINO
C2	5 ANOS	MASCULINO
C3	7 ANOS	MASCULINO
C4	10 ANOS	FEMININO
C5	11 ANOS	FEMININO
C6	12 ANOS	FEMININO
C7	15 ANOS	MASCULINO

TABELA 1

As análises realizadas tiveram como linha estratégica de organização quatro dimensões:

- a) As lembranças na vida no Paraguai;
- b) A participação na tomada de decisão sobre o retorno ao Brasil;
- c) O cotidiano atual: família, escola e comunidade no processo de socialização;
- d) Sentimento identitário após a *experiência* da migração.

1.3.1 O cenário que existia no Paraguai: lembranças de um lugar não tão distante

O Paraguai está, até então, muito presente no cotidiano das crianças. Ainda que não seja explícita, elas perpetuam um laço com o Paraguai. Diferente dos adultos que faziam menção do Paraguai sob o aspecto do trabalho, das condições de sobrevivência e moradia, o olhar das crianças era revelado sob o aspecto de sua vida junto à comunidade, aos parentes, amigos e até inimizados. O fator convergente está na narrativa ora de saudade, ora de descontentamento com a vida que tinham lá.

- *Eu gostava de morar lá. A gente não tinha muitos amigos. A gente ia pra escola e depois ficava em casa brincando. (C3)*
- *Eu tinha muita raiva quando as professoras iam ver se a gente tinha piolho. Ficavam mexendo no cabelo da gente. Aqui eles só avisam na escola que tem que olhar em casa. Lá elas ficavam procurando na cabeça da gente. Aqui é bem melhor. A escola é melhor. Os professores não ficam tratando a gente mal. Só que aqui tem umas 15 pessoas na minha sala. Lá tinha mais de 25 pessoas. O professor era muito bravo com a gente (...), às vezes até batia. (C6)*
- *Na minha escola também ficavam olhando a cabeça da gente. Procurando piolho. Eu não gostava de lá.*
- *Eu preferia morar lá. Fico querendo ir lá quando meu pai vai, mas às vezes ele não deixa eu ir por causa da escola.(C2)*
- *Eu gostava do Paraguai, quer dizer, ainda gosto de lá. Mas não queria voltar não. Deus me livre. (C4)*

Na representação de suas lembranças do Paraguai, as crianças desenharam casas, a família e a escola.

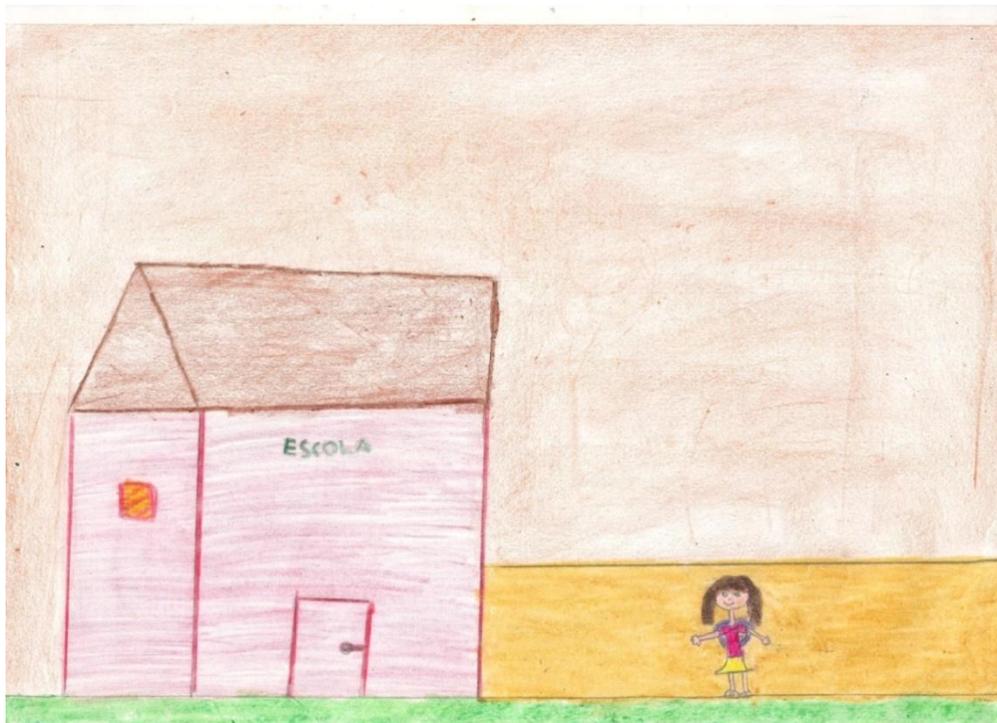


FIGURA 2
DESENHADA POR C6



FIGURA 3
DESENHADA POR C5

O tempo em que as crianças passaram no Paraguai traduzia-se como uma lembrança positiva, que as enriquecia na medida em que representava a experiência de viagens e o conhecimento de mais pessoas e locais. As *experiências*, narradas em seus discursos e representadas em desenhos, transmitem a proclamação de um novo tempo de vida para as crianças. Mais otimistas do que seus pais, as crianças trazem nesta trajetória de vida, memórias que querem que permaneçam e que sempre devem ser lembradas.

Suas expectativas de retorno ao Brasil se assemelhavam com as que os pais tinham quando seguiram ao Paraguai, melhores condições de vida. Mas, diferente dos discursos dos adultos, o retorno ao Brasil, para elas, não significou um retrocesso, mas um avanço. Um passo para a reconstrução de novos caminhos e novas trajetórias que poderão (*por que não?*) constituir também um novo retorno ao Paraguai.

1.3.2 A participação sobre a decisão de migrar para o Brasil

Não obstante ao fato de que crianças não decidem diretamente sobre os rumos que uma família toma quando da ação de migrar, elas percebem e participam deste processo como expectadoras que palpitam sobre o assunto, mas não podem interferir nele.

- *Eu nem sabia que a gente ia vir pra cá. Só que eu gostei, porque aqui tá meu avó. (C3)*
- *Eu não queria sair de lá. A minha mãe contou perto do dia da gente vir embora. Eu lembro que eu não queria vir, mas não chorei. (C2)*
- *Eu até ajudei minha mãe a arrumar as coisas. A gente trouxe algumas roupas e só. Minha mãe deu umas coisas pra vizinha nossa. (C5)*
- *Meu pai precisava trabalhar e a gente estudar. Lá não tava dando. Então, o jeito foi a gente vir embora pra cá. Já tinha família minha aqui. (C6)*

1.3.3 A relação das crianças com a família, comunidade e a escola

As crianças vivem rotinas diferentes das de seus pais. Enquanto alguns pais acordam cedo para o trabalho em frigoríficos, abatedouros da região, como empregadas domésticas ou para começar a lida no campo, as crianças, mesmo as que não vão à escola no período matutino, aprendem a levantar cedo.

O turno escolar divide as crianças. Algumas, geralmente as maiores, cursam de manhã e as menores à tarde. O horário de trabalho de alguns pais não lhes permite acompanhar o trajeto das crianças até a escola, este fica à mercê de algum vizinho, parente, amigo ou sob a responsabilidade delas mesmas.

Se há alguma obrigação legítima na sociedade brasileira, a qual incumbe às crianças cumpri-la, diz respeito ao dever de estudar. A escola tornou-se não somente um espaço onde são transmitidos os conhecimentos historicamente adquiridos, mas exerce também um papel de cuidar das crianças. O ensino educacional ofertado na modalidade Integral, na qual a criança permanece, praticamente, mais de 8 horas do seu dia no ambiente escolar, apesar de ter um viés pedagógico é também um exercício do Estado no que se refere a ofertar um local onde as crianças possam ficar enquanto seus pais trabalham.

A maioria das escolas no município de Assis Chateaubriand ainda não possui atendimento integral, mas as crianças possuem atendimento através de programas de contra turno, para recreação e de reforço escolar.

O cotidiano das crianças menores (até os 9 anos) inicia-se com uma fila no pátio. Os professores, com o auxílio de um equipamento de som, alternam-se para cantar algumas músicas infantis. As músicas normalmente servem para interagir os alunos e descontraí-los.

A Escola, além de ser uma instituição de educação formal, demonstrou também ser o lugar de confrontos culturais. Ou seja, uma *fronteira simbólica* para as crianças brasileiras, as quais dentro das salas de aula, enquanto alunas, acabam por negar seus conhecimentos advindos de sua experiência migratória.

Algumas das maiores dificuldades das crianças que chegam do Paraguai dizem respeito à língua. Embora no período desta pesquisa eu tenha encontrado apenas crianças que já estavam há algum tempo no Brasil e, portanto, já superaram este empecilho, as próprias professoras me relataram suas dificuldades, principalmente porque as crianças que já chegaram alfabetizadas do Paraguai desconheciam a escrita cursiva, escrevendo somente com a letra de forma.

Em uma das conversas, uma professora relatou que sua maior dificuldade era entender e se fazer entendida por uma criança que havia chegado à escola falando apenas o castelhano e o guarani. Outra professora, ao tratar de uma criança já com uma idade aproximada aos 12 anos, relatou que sua dificuldade maior estava no fato da criança não saber conteúdo algum da História do Brasil.

A escola constitui-se um espaço de socialização para todas as crianças. E as crianças a reconhecem como tal, pois sabem que ela lhes proporciona a interação com amigos, vizinhos e com o desconhecido²¹. Entretanto, a escola e, mais especificamente, a sala de aula, é também um local de silêncio. Na sala de aula, elas não têm nada a transmitir, nada a ensinar, são apenas *tabulas rasas*²². Suas vozes transmitem-se apenas como um eco distante de um discurso que não se quer ouvir, o da alteridade.

²¹ Muitas vezes é através da escola que algumas crianças têm a oportunidade de realizar uma viagem, do tipo excursão, ou mesmo se familiarizar com o computador e a internet. Muitas famílias ainda não têm acesso a estas tecnologias

²² *Tabula rasa* é uma expressão latina que significa literalmente "tábua raspada", e tem o sentido de "folha de papel em branco".

De qualquer modo, a escola é o local onde as crianças passam parte do seu dia, e mesmo quando não estão na escola não é comum vê-las, principalmente no horário escolar (das 7h40min às 11h40min e das 13h às 17h), circulando nas ruas. Geralmente ficam brincando dentro de suas casas ou no quintal.

As meninas pequenas brincam de escolinha, de boneca e os meninos de carrinho. Misturam-se na hora que a brincadeira é *pega-pega*, *esconde-esconde*, *barata*, *sirumba*²³ e, a preferida de todos: a *amarelinha*.

- *A brincadeira que eu mais gosto é amarelinha. Às vezes a gente brinca na escola ou aqui em casa, quando minha amiga vem. Eu sou muito boa nessa brincadeira e sempre ganho dos meus amigos. Eu desenhei a amarelinha aqui em casa com um giz que a professora deu. Eu também brincava de amarelinha quando morava no Paraguai. (C5)*

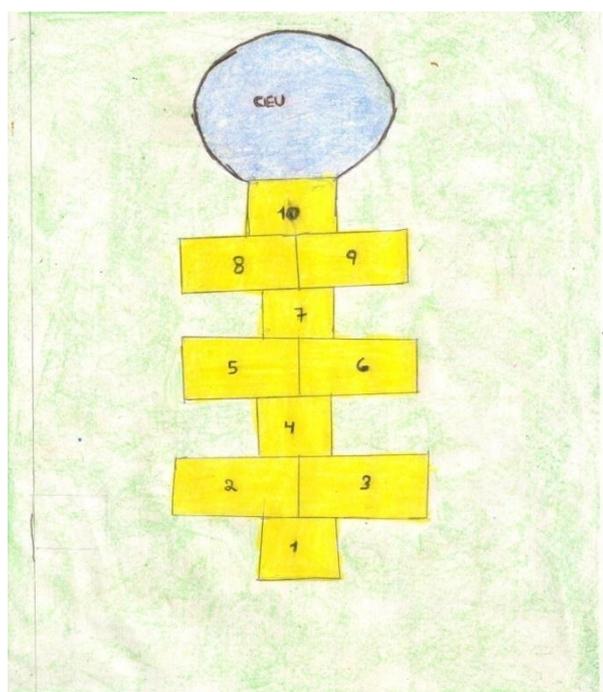


FIGURA 4
DESENHADA POR C5

²³ Nesta brincadeira é feito um desenho no chão, geralmente com giz, um retângulo grande, com seis quadrados dentro, divididos por corredores. Depois de organizadas as equipes, uma terá que atravessar e voltar ao local onde saiu andando apenas dentro dos quadrados, enquanto a outra equipe deverá tentar pegar os adversários andando apenas pelos corredores. É um estilo diferenciado da brincadeira “polícia e ladrão”.

Na hora das brincadeiras, nenhuma criança pensa ser brasileira, paraguaia ou brasiguiaia. A interação e a socialização das brincadeiras não permitem que este tipo de identificação seja revelado. A migração que faz parte da história da criança esconde-se para deixar transparecer apenas o fato de que são apenas crianças.

Em um dos momentos de interação em um centro comunitário de um bairro, de classe baixa, onde havia uma festividade promovida por uma Igreja Evangélica para crianças, uma delas me segredou:

- *Hoje meu tio está indo pro Paraguai. Eu queria ir. Mas daí eu iria perder as brincadeiras aqui. (C4)*

Os fins de semana representam, para a maioria das crianças, o momento de realizar as tarefas domésticas com mais afinco, pois estão sob a supervisão dos pais. Dentro das casas, foi uma constância o fato de que mesmo as crianças mais novas, de 4 ou 5 anos, têm como dever auxiliar a família nos afazeres domésticos. Desta forma, quando o pai da família está presente, intuitivamente as meninas tratam de acompanhar e ajudar as mães e os meninos seguem nos afazeres junto aos pais. As tarefas domésticas dividem-se em: tarefas de dentro da casa e tarefas de fora.

Geralmente, as mães e as meninas ficavam com as tarefas de dentro da casa, como a arrumação e limpeza em geral e os pais e os meninos com os afazeres de fora, como o quintal, a calçada, calçados ou, até mesmo, o carro, quando a família possui. Quando os pais não estão realizando os afazeres domésticos, por não estarem em casa, então os meninos realizam tudo junto à mãe, ou sob a supervisão desta, não raro com reclamações, resmungos e até choramingo.

Não obstante, os finais de semana também são oportunidades de lazer para as crianças. As famílias costumam aproveitar o tempo ocioso para irem à casa de vizinhos, parentes e amigos que moram nas redondezas, em algum sítio, ou para ir ao mercado, comprar ou pagar contas. A renda média das famílias, geralmente um salário mínimo, não permite gastos excessivos, sendo assim, passeios para lugares mais distantes são promovidos quando a família visita algum parente no Paraguai ou quando a escola promove alguma excursão.

Embora, sob muitos aspectos, sejam ignorados os pontos de vista das crianças, elas exercem um papel essencial de representações e significações dentro da sociedade. Através delas, a rede de relações dentro da sociedade é estabelecida, tecida e diariamente estimulada a interagir. São elas que, de uma forma bastante peculiar, constituem os processos gerais que ligam os sujeitos, pois, sem timidez, não permitem que o individualismo e as particularidades isolem os moradores. As crianças andam, movimentam-se e sutilmente fazem com que suas diferenças culturais se movimentem e com isto se tornem quase que imperceptíveis.

1.3.4 O sentimento identitário de pertença

As crianças brasiguaias demonstraram muito respeito e amor pelo Paraguai, enquanto seu país de origem e também como o lugar de amizades. Porém, a maioria não gostava de dizer que é paraguaia. Mesmo sabendo que sua nacionalidade (de acordo com os Registros Cíveis) é paraguaia, ao invés de utilizarem esta designação, preferem utilizar o termo brasiguai ou brasileiro mesmo, para sua identificação.²⁴

- *Eu sou brasileira, porque meus pais são brasileiros e eu já estou aqui há um bom tempo. (C6)*
- *Sou brasiguai. Porque gosto muito do Paraguai, mas também gosto do Brasil e vivo aqui. Então sou meio a meio. (C5)*
- *Eu acho que eu sou mais pro lado do Paraguai, porque eu gosto mais de lá. (C3)*

O idioma, os costumes e as tradições que outrora tinham no Paraguai (os quais não divergiam muito dos que possuem no Brasil, tendo em vista que seus pais eram brasileiros e que a comunidade onde moravam no Paraguai também era constituída pela maioria de brasileiros), não influíam com tanta precisão em seu reconhecimento de pertencimento a um grupo quanto o acolhimento e novas amizades surgidas no Brasil. Para a maioria delas, a relevância de seu pertencimento identitário estava

²⁴ Há uma ideia que paira no imaginário de muitas pessoas, de que o Paraguai é atrasado e que tudo no Paraguai é falsificado. Então, identificar-se com o Paraguai ganha um tom pejorativo, até mesmo para as crianças.

amparado no fato de que, lá ou aqui, elas estavam no seio familiar e este sim era o lugar de seu pertencimento.

- *Aqui é o meu lugar. Porque aqui que a gente tem que ficar. Aqui tá meus pais e meu irmão. A vida agora é aqui. (C6)*

PARTE IV
HISTÓRIA DE VIDA

1.0 Uma história de vida pra contar a experiência da migração

A memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada. As lembranças apóiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo ampliam e informam aspectos da história social brasileira. Descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários poucos iluminados pelos grandes refletores históricos. (LACERDA, 2000, p.90).

Dentre tantas histórias de vida que pudemos conhecer na trajetória deste trabalho que se propôs a dar ouvidos à voz das crianças, chamou-nos atenção esta que agora descrevemos. Esclarecemos, desde logo, que se trata de uma criança cuja infância foi multifacetada, marcada pela miséria, pelo abandono, pela violência e também pelo perdão²⁵. A história que passamos a descrever é permeada por narrativas que se completam entre a fala da criança e de sua mãe²⁶.

1.1 Ramones: a experiência migrante de uma infância perdida e reencontrada

Ramones nasceu no Paraguai, em um município bem afastado das fronteiras do Brasil. Sua mãe, brasileira, vivia no Paraguai há pouco tempo e quinze dias após conhecer o Sr. Ruan, que viria a ser pai de Ramones, tratou logo de *juntar os trapos* e fugir com aquele quase desconhecido homem, que lhe oferecia uma casa para morar.

Dona Rosa e Sr. Ruan iniciaram sua vida conjugal em um sítio de um parente onde cultivavam milho, soja, feijão e, às escondidas, Sr. Ruan cuidava de uma plantação de maconha. Não demorou muito para que a vida conjugal começasse a se tornar um desafio de sobrevivência, pois o Sr. Ruan mostrava ser um homem muito agressivo, ameaçador e de má índole.

Porém, quando Dona Rosa percebeu realmente quem era o homem com que havia se casado, já estava grávida de Ramones e havia perdido totalmente o contato com sua família. Sem condições, sem amigos ou qualquer outra expectativa de vida, Dona Rosa enfrentou a gravidez trabalhando na roça e apanhando em casa.

²⁵ A história de vida de Ramones chegou ao meu conhecimento através de recortes de sua memória e também de lembranças trazidas por sua mãe, dona Rosa.

²⁶ Embora minha intenção recaísse sobre os relatos da própria criança sobre sua vida, sua mãe, a qual acompanhava a narrativa, ressaltava alguns acontecimentos que, às vezes, a criança não conseguia descrever por não lembrar-se totalmente deles. Também alguns aspectos da vida de Ramones, antes do seu nascimento, foram descritos pela mãe.

Dona Rosa encontrava-se sozinha em casa quando começou a sentir as primeiras contrações do parto. Pediu ajuda a uma vizinha que, caridosamente a levou até um Posto de Saúde para que a criança pudesse nascer²⁷. Somente no outro dia, de manhã, o Sr. Ruan foi até o Posto de Saúde buscar Dona Rosa e o filho recém-nascido.

Mesmo com a chegada de Ramones em casa, a rotina não foi alterada, as agressões físicas, com pontapés, socos, chutes e coronhadas de revólver continuavam sendo sofridas por Dona Rosa. Além destas agressões, o esposo embriagava-se e não conseguia dar o sustento necessário a casa. Assim, não havia alternativa a não ser ir para a roça trabalhar e tentar arrumar leite para a criança²⁸.

Quando Ramones tinha pouco mais de um ano, Dona Rosa ficou novamente grávida. Aos oito meses de gestação apanhou o suficiente para começar a sentir fortes dores de contração. Não houve condições para que Dona Rosa fosse até o Posto de Saúde. Então, a criança nasceu na casa do sítio mesmo, com a avó paterna ajudando-a.

No dia seguinte ao nascimento, a criança gemia e tremia muito. A avó então resolveu levar a criança até um atendimento médico e recebeu a notícia que a criança havia nascido antes do tempo e que precisava ser aquecida como no ventre da mãe. Entretanto, na localidade não havia este tipo de atendimento médico e, buscando aquecer a criança, Dona Rosa fervia água e colocava em vidros em volta da caixinha onde o bebê ficava²⁹. Não houve mais nada que pudesse ser feito, a criança deu o último suspiro e faleceu nos braços da mãe³⁰.

Quando Ramones já estava com, aproximadamente, quatro anos, nasceu mais outra irmãzinha, Tereza, a qual participou com ele de várias desventuras proporcionadas pelo pai. Depois nasceram mais duas crianças, Edite e Sabrina. As agressões e a violência eram uma rotina dentro de casa. Mas, agora, com quatro

²⁷ Dona Rosa contou-me que sentiu muitas dores e sofreu muito para dar à luz a Ramones. Em meio às contrações ela teve que ser segurada por enfermeiros, pois entrou em uma crise nervosa e tentava ela mesma tirar a criança de seu ventre.

²⁸ Dona Rosa contou-me que não tinha leite materno suficiente e que Ramones chorava muito depois que mamava, não parecia saciar-se. Então, Dona Rosa ia para o mato e buscava coco, o qual socava em um pilão e extraía um leite, que foi o sustento, por muito tempo, que garantiu a sobrevivência de Ramones.

²⁹ Quando esta criança nasceu, a família não possuía sequer uma roupa para lhe vestir. Enrolaram-na em lençóis e cobertas para tentar aquecê-la.

³⁰ Neste momento, Ramones e sua mãe fizeram uma pausa para chorar, mas logo ela disse se conformar com a morte da criança, que não tinha sequer uma roupa para ser vestida e *“Deus sabe o quanto iria sofrer”*.

filhos, Dona Rosa resolveu dar outro rumo à vida e sair à procura dos pais e de ajuda.

Sem ter dinheiro para iniciar seu trajeto de volta ao lar, sem saber nem mesmo onde seus pais se encontravam, apenas com uma vaga lembrança de que estavam em outro município no Paraguai mesmo, com a desculpa de que iria somente visitar alguns parentes e retornar, Dona Rosa vendeu um porco que tinham no sítio, preparou uma mochila com algumas coisas e partiu levando consigo apenas o filho mais novo Edite e Sabrina. Para trás ficaram Ramones e Tereza.

Dona Rosa justificou ter deixado as crianças porque pensava que o pai, por pior que fosse com ela, não deixaria os filhos desamparados e porque não sabia o que iria enfrentar e nem tinha condições para cuidar dos quatro filhos. Escolher os filhos que levaria e os que deixaria, ainda traz à tona mágoas entre mãe e filho, as quais só o tempo poderá dissolver.

A história agora se divide em duas: a da mãe que fora embora e a dos filhos que ficaram. Trato, primeiramente, de me reportar aos recortes das lembranças de Ramones no tempo em que ficou sem a mãe, para, posteriormente, reconstituir as passagens da mãe.

Ramones e sua irmã Tereza passaram algum tempo morando na casa do sítio junto ao pai e sob os olhares da avó paterna. O pai, agora alcoólatra e traficante de drogas e armas, não poupava os filhos dos espancamentos. Sem amparo, mesmo na presença do pai, as crianças passavam fome e necessidades.

Com o falecimento da avó, a situação agravou-se. O pai, simplesmente anulou as crianças de sua vida e não se importava com o que lhes pudesse acontecer. Vendo a angústia das crianças, alguns parentes e vizinhos convenceram o pai que o melhor a ser feito era dar as crianças para que alguma família, com melhores condições financeiras, pudesse lhes dar guarida.

As crianças então mudam mais uma página de suas histórias e vão morar na casa de uma mulher “bem de vida” e estimada por seus conhecidos. Porém, Ramones não atendeu as orientações e cuidados da mulher e começou a se tornar uma criança muito rebelde. Não tendo mais paciência para lidar com ele, a mulher o devolveu a seu pai.

A partir daí, Ramones encontrava-se novamente sozinho. Sem o cuidado e apoio de nenhum adulto, a criança buscava sua sobrevivência roubando alimentos,

fugindo, escondendo-se no mato³¹. Quando seu pai aparecia era somente porque alguém havia feito alguma reclamação do menino e este ia ao encontro de Ramones espancá-lo. Abro então um parêntese para relatar o que acontecera a Dona Rosa, segundo relatos da mesma.

Após procurar seus pais em outro município do Paraguai, Dona Rosa recebeu a informação de que estes estavam morando em Assis Chateaubriand e que haviam se mudado porque o pai de Dona Rosa encontrava-se muito doente e necessitando de atendimentos médicos. Sem condições de pagar por estes atendimentos, a família havia resolvido voltar para o Brasil para serem atendidos pelo Sistema Único de Saúde – SUS.

Sem condições financeiras de seguir viagem, Dona Rosa se alojou em outra cidade no Paraguai e contou com a ajuda de conhecidos de seus pais para se instalar com as crianças e trabalhar como doméstica. Meses depois, conheceu um homem que viria a ser segundo marido, Sr. Cipriano.

Algum tempo depois, a mãe de Dona Rosa tomou conhecimento de que sua filha estava lhe procurando no Paraguai e, sem delongas, foi ao encontro da filha. Mesmo com a insistência da mãe, Dona Rosa não aceitou voltar ao Brasil, porque naquele momento pensava em primeiro buscar os filhos que haviam ficado pra trás. Um passo adiante havia sido alcançado, o tempo de a família unir-se parecia mais próximo.

Passados mais alguns meses, com a doença de seu pai se agravando, Dona Rosa resolveu que era o momento de voltar ao Brasil, mesmo sem ter notícias de Ramones e Tereza. Sr. Cipriano, agora já sendo seu companheiro, ajudou Dona Rosa a vender um porco³² e arrecadar dinheiro suficiente para ir à Assis Chateaubriand - PR.

Quando chegou ao Brasil, com a família lhe auxiliando, as dificuldades foram aos poucos sendo minimizadas. A vida parecia entrar nos eixos, mas uma ferida continuava aberta, Ramones e Tereza, *“como será que estavam”*. Dona Rosa começou a trabalhar de empregada doméstica e ficou novamente grávida, agora de seu companheiro Sr. Cipriano.

³¹ Ramones não demonstra orgulho destes comportamentos, mas justifica suas ações pela necessidade de comer.

³² Ramones disse que *“se não fossem os porcos do caminho, não sabe como as coisas teriam acabado”*.

Depois de ter o bebê, passados mais de quatro anos de sua saída do Paraguai, o Sr. Cipriano voltou ao município onde moravam e recebeu a notícia da situação em que se encontrava Ramones. Ao voltar à Assis Chateaubriand, Sr. Cipriano contou a Dona Rosa e, sem muito cuidado com as palavras disse: *“Enquanto você está aqui, bem, seu filho está no meio do mato passando fome”*.

Esta frase foi apenas um recorte da situação em que Ramones se encontrava. Sem saber o que seu filho realmente estava passando e imaginando apenas que o pai o havia abandonado, Dona Rosa vendeu uma geladeira e com R\$ 500,00 seguiu para o Paraguai com o intuito de buscar Ramones e Tereza. Ao chegar à cidade que havia deixado, Dona Rosa foi logo atendida por conhecidos, que lhe contaram sobre Ramones. Volto agora às lembranças de Ramones.

A vida de Ramones estava se resumindo a dormir em árvores, comer ovos crus de passarinhos ou galinhas. Às vezes, ajudava alguém em um trabalho da roça, mas só até ter o que comer e voltar para o mato. Quando não encontrava trabalho, roubava alimentos. A comunidade já lhe conhecia por suas atitudes. Por diversas vezes, algumas pessoas da comunidade, cansadas de ver o que o menino aprontava, espancavam-no ou chamavam a polícia para contê-lo. O abrigo de Ramones era em cima de uma árvore grande que ficava no meio de um matagal.

No dia em que a mãe chegou ao Paraguai, Ramones estava no mato escondido há mais de três dias. Ao ouvir sua mãe lhe chamar, Ramones desceu da árvore e foi ao encontro dela. Seus olhos a reconheceram, mas também ele relutava a aceitar que a mãe que o havia lhe deixado estava de volta.

Sem dizer uma palavra, Ramones ficou parado, atônito, observando a mãe. Quando esta lhe disse *“Eu sou sua mãe³³”* e o abraçou, o menino não conteve as lágrimas e chorou desesperadamente. Ao ser indagado sobre a irmã, Ramones disse que sabia apenas que Tereza estava sendo cuidada por uma família rica e que estava bem³⁴.

Ramones estava sujo, com as unhas e cabelos cumpridos e com fome. Depois de dar um banho no menino e colocar roupas do Sr. Cipriano, pois Ramones não tinha nenhuma roupa além da que vestia, Dona Rosa cortou seus cabelos e,

³³ Os diálogos entre mãe e filho no Paraguai, deram-se sempre em língua guarani. As traduções aqui expostas são de autoria dos próprios.

³⁴ Dona Rosa não encontrou Tereza naquela viagem, o encontro entre mãe e filha é uma parte da história que ainda está por ser escrita.

além de cortar as unhas, as raspou com uma tesoura para tirar a sujeira que estava impregnada.

O trajeto para chegar ao Brasil, foi o mais longo de sua vida, relatou-me Ramones. Nada do que ele imaginava chegou perto do que realmente aconteceu com sua chegada à Assis Chateaubriand. As boas vindas da família, o quarto aconchegante, embora numa casa simples de três cômodos, apresentaram-se como mudanças radicais na vida do menino.

Ramones chegou ao Brasil conhecendo apenas a língua guarani e, em decorrência disto, só conseguia comunicar-se com a mãe. Não tinha hábito de tomar banho, tão pouco de escovar os dentes. A comida também não lhe era familiar. Deseja comer ovos crus e mandioca³⁵.

Quando ia tomar banho, Ramones levava sempre uma faca para o banheiro. Tornou-se uma criança muito desconfiada e temerosa de que alguém lhe fizesse algum mal. Quando saía do banheiro, após o banho, quando não estava limpo, Dona Rosa mandava novamente Ramones voltar ao banheiro e tomar outro banho, até que ficasse limpo.

Ramones manteve presente a memória e com algumas atitudes daquele ambiente que, por muito tempo, foi seu único abrigo. Aos poucos a convivência com a família e com a comunidade está sendo estabelecida através dos contatos cotidianos com pessoas que lhe demonstram afeto e simpatia, dando-lhe mais segurança no convívio social.

Embora as circunstâncias em que Ramones se encontrava no Paraguai não fossem dignas para viver, ele não conseguia identificar-se no Brasil. Sua essência estava no Paraguai, onde, mesmo diante das dificuldades, ele reconhecia-se enquanto ser humano, mesmo se outros não o reconhecessem assim.

O significado dessa *experiência* traduz-se no fato de que, apesar de atravessar a fronteira entre o Paraguai e o Brasil, Ramones continuou nos limites de uma fronteira simbólica onde sua infância busca ainda, desvairadamente, reestabelecer-se. Uma história que, aos poucos, busca um final feliz e, quiçá um dia a família possa estar toda reunida.

Destarte, a grande reflexão gerada através das narrativas aqui expostas, não é o simples fato de Ramones ser ou não um brasiguai, mas de que sua história foi

³⁵ Por vezes, Dona Rosa saiu pedindo a vizinhos e conhecidos que tinham pés de mandioca para lhe doarem um pouco para que o menino pudesse se alimentar, pois não comia outras coisas.

construída sob a tentativa de fugir da violência e do conflito o que culminou justamente no lugar onde os conflitos e as diferenças são mais latentes, na fronteira. Logo, os desencontros provocados pela migração reafirmam as interpretações, já expostas anteriormente, de que a fronteira é um lugar de desencontros e de violência também, ainda que para alguns, se revele como única possibilidade de esperança de uma vida melhor.

“Minha vida hoje é outra. Mas eu volto pra lá alguma vez. Vou voltá pra trabaiá. Aqui é bom, mas lá que eu tenho que ir³⁶.” (RAMONES)

³⁶ Ramones, contrariamente, estava (no período da pesquisa) frequentando uma escola e sendo alfabetizado. Está aprendendo muito rápido o português e já compreende a nova rotina de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação recaiu sobre a seguinte indagação: “a percepção que as crianças brasiguaias têm sobre sua identidade cultural é influenciada pelos movimentos migratórios que empreenderam junto a suas famílias”? Neste sentido, buscou-se compreender a migração enquanto agente cultural e identitário nas relações sociais dos chamados brasiguaios, considerando o olhar crianças.

Supondo que a migração influi na formação identitária das crianças e que esta formação não ocorre de forma pacífica, mas é permeada por conflitos internos e externos marcados pela dualidade da experiência vivida no Paraguai e sua “inserção” sociocultural no Brasil, algumas abordagens foram consideradas, entre elas: a questão da migração; a categoria brasiguaiia; e a conjunção entre a migração e a infância.

Desta forma, a primeira parte do trabalho apresentou as nuances que dão sentido ao trajeto de ida do Brasil ao Paraguai e de retorno. Para tanto, utilizamos como referenciais os autores José Lindomar Albuquerque, Roberto Cardoso de Oliveira, Friedrich Barth, Abdelalek Sayad, José de Souza Martins, entre outros que constam nas referências do trabalho.

Sobre isto, destacamos o fato de que a categoria *brasiguaiia* ainda permeia o desafio de sua própria conceituação. Permitimo-nos, desta forma, nos apropriar de uma das terminologias referidas por José Lindomar Albuquerque (Revista), onde o termo brasiguaiio é atribuído somente ao filho do imigrante brasileiro que nasceu no Paraguai e que tem a nacionalidade paraguaia.

Esta compreensão justifica o olhar sobre certos sujeitos que fazem parte de um campo específico identitário, o qual está composto em um sistema mais amplo que integra outras identidades (a brasileira e a paraguaia), pois na partilha da experiência a do migrante em sua trajetória, encontra-se o filho do migrante e é exatamente ele nosso objeto de pesquisa, sobre o qual repousa a inquietação deste trabalho.

Desta forma, após realizarmos o embasamento teórico que contextualiza o processo migratório *de ida e retorno*, discorreremos acerca da importância das narrativas das crianças enquanto fontes aceitáveis nas ciências sociais, enfatizando assim, a necessidade de dar ouvidos a estas nos estudos e, especificamente neste

caso, evidenciamos a importante contribuição que elas dão à compreensão sobre a *experiência* da migração na formação identitária de um sujeito.

Tendo como escolha metodológica a pesquisa qualitativa, realizamos o levantamento de famílias brasileiras que haviam empreendido a trajetória de migrar ao Paraguai e retornar. Em seguida, identificamos aquelas cujos filhos haviam nascido no Paraguai e que residiam no Brasil e escolhemos, aleatoriamente (onde quantificamos e apresentamos um perfil das crianças inquiridas), crianças que pudessem narrar (a partir de sua memória) a experiência da migração a partir do discurso, de brincadeiras e da representação desta por meio de desenhos.

Após a organização dos dados recolhidos, pudemos compreender que as relações entre os sujeitos migrantes articulam-se de modo a promover laços que não são somente consanguíneos, mas por afinidades e solidariedades, construídos simbolicamente a partir das relações e interações entre o espaço / moradia e o trabalho.

Estes laços favorecem a transitoriedade destes migrantes na fronteira, pois permite que eles criem duas redes sociais permanentes, uma no Paraguai e outra no Brasil, as quais são acessadas conforme a necessidade de permanência no local, que podem estar relacionadas à necessidade de trabalho, ao atendimento à saúde, dentre outras. Os dramas pessoais identificam e enlaçam estes indivíduos que transitam na fronteira.

Esta análise pôde ser evidenciada principalmente pelo fato de que houve um período de maturação deste trabalho³⁷ quando no retorno ao campo, após um período significativo, foi constatada a atual configuração do grupo pesquisado e a confirmação de algumas análises realizadas preliminarmente.

Portanto, concluímos que, no contexto da migração analisada nesta pesquisa, a formação da identidade do chamado brasiguai, transita no espaço de dupla habitação e é formada por meio de mediações transnacionais, o que implica na possibilidade de reivindicar uma dupla nacionalidade.

Esta mesma constatação recai sobre os adultos e sobre as crianças. Pois, os vínculos e as interações que as crianças demonstraram, através de suas falas, brincadeiras, desenhos, apresentam o sentimento de pertencimento delas aos dois terrenos (paraguaio e brasileiro). Este duplo pertencimento promove também a

³⁷ Como dito anteriormente, este projeto teve início em 2013. A observação participante e as entrevistas foram realizadas nos anos de 2013 e 2017.

possibilidade de diferentes estratégias para o convívio harmonioso, onde as identidades são negociadas e acionadas de acordo com as necessidades impostas, mas também com base em elementos positivos e negativos das memórias e das manifestações culturais.

Destarte, devido à transitoriedade e circularidade de seus pais na fronteira, as crianças reconhecem que existe uma rede social de apoio a elas nos dois países. Os impactos e as representações socioculturais continuam a servir de base na legitimidade que darão ao seu ambíguo pertencimento nacional.

Assim, estão contingencialmente inseridas em um contexto onde a memória torna-se um dos elementos primordiais na construção de sua identidade, pois ela apresenta aspectos negativos e positivos de manifestações que irão dar um contributo à auto identificação daquele que outrora chamamos neste trabalho de “filho da migração”, a criança brasiguaiá.

Por fim, ao final desta dissertação, focamos a narrativa de uma criança, a partir da memória autobiográfica, com o intuito de traduzir as venturas, os conflitos e as infelicidades que permeiam a trajetória da migração. Isto nos permitiu uma reflexão acerca do fato de que, embora existam contingentes que impulsionem a migração, as particularidades da “experiência” da migração é vivida de forma singular por cada indivíduo, inclusive pelas crianças que a traduzem enquanto um dos elementos mais significativos em sua formação identitária.

Concluindo: esta dissertação elucidou as inquietações que a provocaram, mas também trouxe à tona novos dilemas: “como se formam as redes sociais de apoio aos migrantes?”; “a partir de que momento as crianças passam a serem vistas enquanto sujeitos ativos de contestação sobre determinada migração?”, entre outros. Portanto, pode-se afirmar que ela cumpriu seu papel em esclarecer determinado fenômeno, como também deixou lacunas que servem de desafios para que novas pesquisas e novos descobrimentos sejam realizados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: Annablume. 2010.

_____, José Lindomar C. Fronteiras e identidades em movimento: fluxos migratórios e disputa de poder na fronteira Paraguai-Brasil. In: **Cadernos CERU** [online]. 2008, vol.19, n.1, pp. 49-63. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br>. Acesso em: 28/06/2012.

_____, José Lindomar C. “A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais” In: **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 31, Junho 2009.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguai: territórios e jogos de identidade. In: **Povoamento**, Helion & FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). Cruzando fronteiras disciplinares. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

BARTH, Friedrich. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. In: **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias.** Saraiva, São Paulo: 1999.

BRANDÃO, Carlos R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais.** Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

COSTA, Jessica. A. As relações bilaterais Brasil-Paraguai e a problemática dos “brasiguaios”. In: **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1 , p.56-71, jul. 2009. Disponível em: 83d83.habitus.ifcs.ufrj.br. Acesso em: 28/06/2012.

COHN, C. **A criança, a morte e os mortos: o caso Mebengokré-Xikrin.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 93-115, jul./dez./ 2010.

DELGADO, Ana C.; MULLER, Fernanda (Orgs.) Dossiê: Sociologia da Infância: pesquisas com crianças. Educação e Sociedade.V. 26, n. 91, p. 391-403, ago. 2005. 84d. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: uma sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABRINI, João E. Os brasiguaios e conflitos na fronteira. **Revista Geografares**, v.1, p. 53-75, 2010.

FERRARI, Carlos Alberto. **Dinâmica territorial na (s) fronteira (s): um estudo sobre a expansão do agronegócio e exploração dos brasiguaios no Norte do Departamento de Alto Paraná – Paraguai.** Dourados, MS, 2009. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

FIORENTIN, Marta Izabel. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010).** Curitiba, 2010.

FREITAG, Liliane da Costa. **Fronteiras perigosas: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense.** Cascavel: Edunioeste, 2001.

FUSCO, Wilson; SOUCHAUD, Silyain. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. **Revista Confins** [online], julho 2010. Disponível em <http://confins.revues.org/6469>. Acesso em 28/06/2012. DOI : 10.4000/confins.6469.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GONÇALVES, Karoline Batista. Brasiguaios: território, identidade e desafios. In **Contribuciones a las Ciencias Sociales.** Diciembre 2010. Disponível em: www.eumed.net/rev/ccc/10/. Acesso em 28/06/2012

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

LACERDA, Lílian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, A. C. BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: **Revista Brasileira de Estudos de População.** [online]. 2010, vol. 27, n. 2, p. 407-424. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v27n2/10.pdf>. Acesso em 28/06/2012.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: HUCITEC, 2009.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. *Kriterion* [online]. 2007, vol.48, n.116, pp.367-377. ISSN 0100-512X.

NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. In: **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 11, n. 19/20, p. 101-138, jan./dez. 2004.

OLIVEIRA, Márcia M. de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. In: **Revista Estudos Avançados**, 20 (50), 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: UNESP, 2006.

_____. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1976.

_____. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, T. (Org). **Aventura antropológica**. São Paulo: paz e Terra, 1997

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO. INSTRUÇÃO N° 016/2011 – SEED/SUED

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação. Porto: Asa Editores. 9-34. 2004.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. In: **Travessia**, v. 13, n. Esp., p. 7-32, jan. 2000.

_____. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCOTT, Joan W. “A invisibilidade da experiência” In: **Projeto História**. PUC-SP, São Paulo, n. 16, fev. 1998, p. 297-325.

SILVA, D. L. G. **Um pé aqui e outro lá: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios**. Marechal Cândido Rondon, 2010. Dissertação (Mestrado) – História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SILVA, R. De C. “**A criança no Ser**”: infância, intertextualidade e **performance entre crianças artistas e seus familiares em Recife**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 117-136, jul./dez. 2010.

SPRANDEL, M. A. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional.

TEIS, D. T. **A (re) construção da identidade do aluno brasiguaiio.** Cascavel, 2004. Dissertação (Mestrado) – Letras – linguagem e sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU. Disponível em <http://www.itaipu.gov.br>. Acesso em 28/06/2016.